

REUNIÃO DE DIVERSOS AUTORES ANGOLANOS



**COLECTÂNEA  
DE CONTOS  
G.E.L.E.L.A**  
ORGANIZAÇÃO ÉSOBRENÓS EDITORA

**Copyright** É Sobre Nós Editora & Grupo GELELA, 2021

**Título:** Colectânea de contos GELELA

**Organização:** É Sobre Nós Editora

**Edição e paginação:** É Sobre Nós Editora

**Design de capa:** Lucas Cassule

**Execução gráfica:** ésobrenós Editora

**Revisão:** Albano Kusendela

**Marketing e publicidade:** Alusapo

**Conselho Editorial:** Dito Benedito | Alzira Simões

**ISBN:** 978-989-54919-9-5

**Edição em e-book:** Abril de 2021

---

É SOBRE NÓS EDITORA

R. Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por meio electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou em bancos de dados, sem a autorização por escrito dos autores.

*“Quanto mais nos elevamos,  
menores parecemos aos olhos  
daqueles que não sabem voar”*

Friedrich Nietzsche

## NOTA DO EDITOR

Sempre me propus a desafios, penso que isso foi fundamental na construção da pessoa que sou. Idealizar este projecto da Colectânea e participar de um conceito que envolve pensamentos de várias pessoas, cada um com sua técnica, sua maestria, seu tempo de vida na arte, é, sem dúvida, uma das minhas consideráveis realizações. Eu fiquei impressionado e orgulhoso por ser angolano e fazer parte desta geração. Temos muitos bons artistas, cada um de a fazer o seu legado, cada um a criar a sua própria forma de se expressar. Um dia, em algum lugar (em todos os lugares do mundo), falarão de nós e dos nossos escritos, isso é uma certeza.

Cada uma das histórias neste opúsculo, traz os seus ensinamentos, as suas características, as suas lições, lembrando-nos de como o nosso universo, o nosso povo, o nosso manto cultural é vasto e rico, que necessitamos fazer mais para poder descrevê-los a fim de torná-los indelévels e materiais de consulta para outras gerações. É uma missão nossa, cada um de nós tem o dever de exteriorizar o pouco ou muito que colheu, que ouviu e que viu, timbrá-lo num papel e servir a humanidade.

Sem querer alongar muito, convido-lhe, caro leitor, a ler e viajar em cada uma das propostas nesta colectânea e absorver o que for útil.

Com esta obra, alguns escritores estrearam-se com os seus talentos no mercado literário angolano e

tornaram-se consagrados.

Para finalizar, quero parabenizar e agradecer os escritores: Victor Amorim Guerra, Sandra Mateus, Fernando Kawendimba, Al Ndjali, Ecleu Ambrósio, Hetelvina Ngola, Bondi Kiala, Aldair Paulo, Adalberto Fábio, Inocência Adolfo, Lweyo, Albano Huambo, Manuel David Sassoma, Filipe Aragão (Ndakota Vulu), Edvan Vapor, AC Lucamba “Silk Sénior”, Muzéri Kizenza e Garcia Nathan, que fazem parte do elenco seleccionado para esta colectânea.

Um grande abraço e boa leitura!

Lucas Cassule

# ÍNDICE

1- O SEGREDO DA ÓRFÃ.....	7
2- ABLA NYASHIA.....	15
3- AS ÚLTIMAS 24 HORAS.....	19
4-A LAMÚRIA DO POVO.....	30
5- ESQUADRA FESTIVA.....	38
6- A VIAGEM ATÉ À MORTE.....	46
7- O HOMEM QUE NÃO TINHA NADA.....	52
8- O CASO DA SARA DE BENGUELA.....	58
9- JÁ NÃO SOU O QUE FUI.....	62
10- O EPICENTRO DA LIBERDADE.....	71
11- OS HABITANTES DO ALÉM.....	78
12- TIGRES AZUIS E O REINO LUENZI.....	86
13- UM DESFALECIDO ESCRITOR.....	94
14- UMA COISA MUDA.....	101
15- VALA DE DRENAGEM, EDU.....	107
16- O BOM DIBANGELA.....	115
17- O DESTINO TEM OS SEUS PLANOS.....	125
18- ÁRVORE DOS MORTOS.....	130

## **Autores, por ordem dos contos:**

1. Sandra Mateus
2. Filipe Aragão
3. Lucas Cassule
4. Bondi Kiala
5. Fernando Kawendimba
6. Lweio
7. Adalberto Fábio
8. Victor Amorim Guerra
9. Garcia Mbongo Nathan
10. Ecleu Ambrósio
11. Inocência Adolfo
12. Aldair Paulo
13. Al Ndjali
14. Edvan Vapor
15. Hetelvina Ngola
16. Dias Neto
17. Albano Huambo
18. AC Lukamba

# 1

## O SEGREDO DA ÓRFÃ

Era comum ver, em Luanda, famílias com alguma estabilidade financeira e poucos filhos irem a busca de meninas nas outras províncias, sem qualquer processo legal, para as acolher. Ao contrário do caso de Weza, grande parte das meninas que vinham para Luanda eram como empregadas internas. Ao serem entregues às famílias da capital, a família biológica recebia promessas de bons cuidados e formação para as meninas, mas quando cá chegavam, eram postas de lado. Comiam, mas não com a família. Estudavam, mas não nas mesmas escolas que os filhos biológicos. Brincavam, mas não com grande frequência, pois, grande parte delas, até mesmo com menos de dez anos, tinha de cuidar dos filhos mais novos dos casais que as adoptava.

O caso de Weza foi diferente. Logo no início, quando Óscar e a esposa decidiram adoptá-la, decidiram fazer diferente. Já sabiam que a grande maioria se aproveitava da ingenuidade das famílias que cediam as filhas e não tinha intenção nenhuma de ir por este caminho.

Tinha Weza seis anos, quando Óscar ensinou-a a pedalar uma bicicleta.

— Uma perninha de cada vez, minha menina! —  
Dizia ele, enquanto sorria e apreciava o enorme sorriso daquela menina que já o via como pai.

A família era pequena, Óscar e a esposa tinham apenas um par de gémeos quando decidiram “ter” mais uma. Com diferença de quatro anos, Weza era a mais nova.

Tudo a que os filhos biológicos tinham direito, tinha também a Weza. No dia em que fez catorze anos, fechou os olhos por trinta segundos e agradeceu pela família que, para ela, era uma bênção divina. A primeira fatia de bolo era sempre para Óscar e naquele dia não foi diferente.

— A primeiríssima vai para o melhor pai de todos os pais que alguma vez existiram. — Riu-se, enquanto proferia as palavras habituais dos seus anos e entregava a fatia ao seu idolatrado pai.

Weza tinha um sorriso contagiante. Quando se ria, os olhos fechavam-se por completo e nas bochechas surgiam covinhas, uma de cada lado. Era difícil não se deixar encantar por aquele rosto engraçado. Com catorze anos, Weza continuava com o rosto de dez. Embora fosse alta e com ligeiros crescimentos do peito que se pronunciavam com a chegada da adolescência, quem olhasse para ela, dizia: “não tem mais de dez anos”.

Várias foram as vezes em que os vizinhos do Óscar tentaram brincar com ele, dizendo que Weza traria muitos pretendentes e, com eles, problemas. Mas Óscar mostrava-se sempre um pai muito protector e corrigia-lhes:

— A minha menina não vai gostar dessas coisas.

Vai estudar, divertir-se, tornar-se rica e viver nas Maurícias. – Riam-se sempre deste discurso, que já se tornava extremamente protector e repetitivo.

No dia dos anos, depois da festa e antes de se irem deitar, Weza chamou o pai e contou-lhe um segredo:

— O Miguel tenta tocar-me nos seios quando brincamos, pai. – Disse-lhe com o rosto sério, envergonhado, mas confiante de que o seu protector pudesse fazer alguma coisa.

— Já falei com ele muitas vezes, mas diz-me sempre que é a brincar e por sermos irmãos não há mal nenhum, mas eu não gosto. – Acrescentou, já com lágrimas no canto dos olhos.

Aquela informação deixou Óscar completamente transtornado. Mal ouviu o que Weza acabava de contar, beijou-lhe o rosto e pediu-lhe que partilhasse com ele sempre que se sentisse invadida por algum homem.

Em menos de dez minutos, estava Óscar no quarto do filho mais velho a tentar perceber o que se tinha passado. A forma que Óscar escolhera para perceber era ligeiramente peculiar. Trancou a porta e ouviam-se apenas os barulhos que surgiam do contacto entre o cinto do Óscar e o corpo do seu filho, Miguel.

Depois daquele episódio, o clima em casa ficou completamente diferente. Óscar tornava-se cada vez mais controlador e a esposa de Óscar começou a desenvolver uma aversão por Weza. Comentava em segredo com as vizinhas que, com a adolescência, a filha insinuava-se aos irmãos e que não demoraria muito para revelar o seu lado mais promíscuo.

Passado quase um ano, o episódio do assédio por parte do irmão estava quase esquecido por todos e Óscar decidiu fazer uma viagem, em família, para reanimar o humor que já se perdia no meio das mágoas.

A viagem estava prevista para o primeiro dia depois do aniversário de Weza. Na sua festa de anos, Weza apresentou aos pais um rapaz como sendo seu futuro namorado. Sorriu de forma envergonhada, quando lhes disse que aquele seria um novo membro na família. Riram-se todos, menos Óscar. A festa decorreu com risadas, conversas e danças divertidas. Também, neste dia, Weza repetiu o ritual e deu a primeira fatia do bolo ao pai e abraçou-o com força.

— Tu és o que de mais precioso tenho. – Disse Óscar à filha, enquanto beijava a sua testa ainda durante o abraço prolongado. Aquela voz, até antes daquele dia, transmitia protecção à Weza, mas, por alguma situação que nem mesmo ela entendia, aquela frase soou-a a estranha.

Quando soltou o abraço, Óscar agarrou a mão de Weza e levou-a para um canto mais silencioso da casa.

— Sabes que és a nossa bebé, filha? – Perguntou-lhe com o rosto triste e ligeiramente transtornado.

— Sim, pai. Eu adoro-vos e tu principalmente. És o melhor pai de todos os pais do...

— Calma, filha! – Interrompeu-a ainda com o rosto triste.

— Ó pai! O que se passa?

— Nada meu amor, Nada! O que quero que saibas é que tu és e sempre serás minha... a minha bebé.

Weza abraçou o pai depois de o ouvir e, naquele exacto momento, sentiu que o olhar que Óscar lhe depositava já não era o mesmo de sempre. Sentiu repulsa, mas por não saber o porquê, ignorou o sentimento.

No dia da viagem, estavam todos animados. Mal chegaram ao destino escolhido, Cabo-Ledo, começaram logo as gritarias, brincadeiras e apostas para saberem quem ficaria com o quarto maior. Os gémeos ganharam e, por serem dois, ficaram com a suite e Weza ficou com o quarto minúsculo que ficava mais afastado da sala. Era justo.

Naquela noite, ficaram todos acordados até tarde nos jogos, conversas e risadas. As férias eram para relaxar e todos estavam a colaborar, para que voltassem a ser a família divertida que sempre foram. Depois das brincadeiras, o plano era ver um filme de terror e irem todos para cama. Os meninos ficaram responsáveis pela escolha do filme, a mãe pela preparação dos lugares e Weza pelas pipocas. Óscar dizia-se sem tarefa e preferiu ajudar com bebidas. Não havia muito que se fazer. Era tirá-las do frigorífico e encher os copos. Foi à cozinha, enquanto comemorava. Dizia ser o sortudo e chefe da casa. Na cozinha, antes de servir os copos e levá-los à sala, aproximou-se de Weza e disse-lhe baixinho e lentamente no ouvido:

— Queres... uma ajuda, filha?

De costas, Weza sentiu um volume diferente a roçar-lhe o corpo e juntamente com aquele suspiro pervertido no ouvido, tremeu de medo. Ao vê-la tremer, Óscar agarrou-a pelos braços, aproximou-se mais para garantir que a tocava por completo e repetiu parte da frase que, já no dia anterior, tinha deixado Weza assus-

tada:

— Não te assustes, minha bebé!

O coração de Weza acelerou de medo, os tremores no corpo aumentaram e tudo o que conseguia pensar era sair daquele lugar. Saiu da cozinha de imediato, disse à mãe e aos irmãos que se sentia mal e com passos rápidos caminhou até ao quarto dos fundos onde ficou trancada até ao dia seguinte.

Depois daquela noite, Óscar fazia questão de encurralar Weza todas as vezes que lhe eram possíveis. Com a frequência, as investidas de Óscar passaram de pequenos olhares perversos ao toque. Óscar ia todas as noites ao quarto da filha e aproveitava-se dela. No princípio, Weza sentia-se culpada e em todas as vezes que pensou contar à mãe, lembrou-se da resposta que recebeu quando o assédio era por parte do irmão mais velho.

Preferiu calar-se, mudou completamente as suas roupas, deixou de arranjar-se e rapidamente o sorriso perdeu-se no meio das várias invasões que o seu corpo se viu viver. Sentia nojo do próprio corpo. No seu íntimo, por sempre ter tido preferência pelo pai, sentia-se a única culpada. Fez resistência nas primeiras vezes que viu o pai a entrar no seu quarto, mas sempre com palavras mansas e ameaças entrelinhas, ele conseguia possuí-la. Com o tempo, Weza não sabia mais sorrir. Quando contava à amiga Carla, única confidente, dizia sentir-se com um corpo sem alma.

Pouco antes de fazer dezoito anos, Carla aconselhou-a a tentar contar à mãe, pois, embora não fosse a preferida, sempre lhe pareceu boa pessoa e certamente a salvaria daquela situação. Passaram-se três semanas até

que Weza ganhou coragem para contar à mãe o que se estava a passar. Esperou um dia em que estavam apenas as duas em casa, aproximou-se e disse-lhe a chorar que precisava de ajuda. Magda, a mãe, segurou-a pelo braço, abraçou-a e disse que a ajudava no que fosse preciso. O choro de Weza rapidamente transformou-se em alegria ao perceber que podia encontrar ajuda e que, finalmente, estaria livre de todos os abusos que até então vivia.

Ainda com lágrimas a correr, Weza começou a contar todos os detalhes de todas as vezes que o pai a visitou a meio da noite e aproveitou-se do seu corpo. Ficou horas a falar, enquanto soluçava e agarrava a ponta dos dedos da mão de sua mãe. Também com lágrimas nos olhos, Magda ouviu-a até ao final. No último suspiro que acompanhou também as últimas palavras de Weza, Magda disse-lhe:

— Nunca pensei que a minha própria filha, que eduquei com amor e atenção, me viesse algum dia roubar o marido. – Disse-o, olhando fixamente para a menina com um tom acusador. Naquele momento, todas as angústias de Weza multiplicaram-se. Pensava apenas em mil e uma maneiras de tirar a própria vida. Já nada fazia sentido.

No final de semana seguinte, os gémeos estariam numa festa de amigos e estaria apenas Weza e os pais em casa. Naquele dia, ela parecia inquieta e ansiosa. Óscar, sabendo que os rapazes não estariam em casa, foi uma vez mais ao quarto de Weza para possuí-la. Enquanto era possuída, ela apenas chorava e fixava os olhos no pai tentando procurar alguma sombra daquele homem que sempre a protegeu, mas não encontrou.

Por volta das três horas da manhã, Weza pulou a

Janela do seu quarto que dava acesso ao quintal e, muito rapidamente, trancou todas as portas e todos os acessos à casa. Passou pela garagem, tirou o resto de gasolina que estava num depósito de menos de cinco litros e voltou a entrar pela mesma janela que apenas sobrava de acesso. Lentamente, espalhou o combustível por todos os compartimentos da casa, desenhando um rasto por meio de uma linha única que ligava todos os pontos. Em passos calmos, foi buscar o isqueiro que, há muito, via como a única saída para si. Com lágrimas nos olhos, mas já sem remorsos, culpa ou qualquer outro sentimento que lhe pudesse enganar a alma, deitou-se no sofá da sala, acendeu o isqueiro e esperou a morte carnal.

A primeira vez que a vi estava a terminar o meu plantão. Weza, trazida pelo corpo de bombeiros, toda carbonizada, quase sem vida, acompanhada por uma amiga e com um olhar de quem não queria ser salva disse-me:

— Dra... o opressor não tem cara!

Com aquelas últimas palavras, espremeu a sua filha. Nem parecia saber que transportava um bebé. Permitiu-se apenas morrer. Carla, amiga de Weza, relatou-me os abusos escandalosos. Várias foram as tentativas de suicídio. Aquele dia era o fim de uma história e o princípio de outra. Com a morte dos três, nascia um novo ser.

Não pude crer em tamanha crueldade, chorei pela desconhecida que acabava de falecer. Fiquei com a Órfã e guardei o segredo.

**Por: Sandra Mateus**

## 2

### **ABLA NYASHIA**

Naquela aldeia circular e pequena, só se contava e ouvia fábulas. “Das noites de céu vermelho em lua negra, do galo sem penas que só voava a noite, do candengue atrevido e tantas outras”. Em meio àqueles rostos pequeninos e olhos iluminados pela esperança dum futuro grande na cidade, estava a dona daquelas tranças que, outrora, eram as favoritas do povo negro. Seus pequenos peitos atiçavam lutas de homens e até de galos e bois, segundo os boatos da aldeia. Só aqueles seios que nunca ninguém viu causavam aquela avalanche, quando se tratasse daquele café puro que ela carregava na pele, do acastanhado que pintavam seus olhos, do continente que traziam seus cabelos; famílias lutavam, os dotes acompanhados de quindas choviam como granitos no Lubango. Nunca os sobas assentavam tanto, senão quando era para falarem daquelas pernas que deixavam trilha nos corações e desejos das gerações que lá havia e, quando chegassem acima das pernas, naquela cintura, a reunião levava horas para ser terminada, sendo, às vezes, adiada para o outro dia. Com tempo, sua beleza romperá aquele círculo, chegando até noutros matos, e todos diziam a mesma coisa de Nyashia, “o pecado dela é a sua beleza, e sua beleza será sua sepultura”.

Nyashia não queria saber daquele povo do mato. Massada, que para todos era visto como seu futuro marido, era só um sapupu na boca daquele povo que a idolatrava. Ela sonhava com a cidade; queria inalar o cheiro da vida mulata, sua pele ficaria limpa naqueles produtos de gente rica, ficaria limpa, mulata, não seria mais preta, até seu nome deixaria de ser Abla Nyashia, nem parece até nome de gente. Passaria a ser Catarina, a mulata.

— Não seja burro, Massada. Eu Nyashia, futura Catarina Mulata, casar contigo por causa de quinda, dotes, lavras e vestir trapos em casa, enquanto você vai na lavra? Nem morta! Eu quero é jóias e viver nos condomínios...

Massada caiu em si, endurecendo seu físico desnutrido que nem o veneno duma cobra lhe deixou daquele jeito.

— Eh, eh, eh! Afinali é assim? Você queri misturá café co leite pra ficari tipos branco? A mbariga da nossa gente não ser feito pra misturar, dá cabualala. — Massada aconselhava Nyashia com parábolas dos mais velhos da aldeia, mesmo parecendo não saber o que dizia.

— Não fala assim. Pareces gente sem educação. Aprenda a falar e a vestir para falar como gente da cidade.

E como tempestade que vem depois da bonança, Nyashia gozaria das sonhadas regalias, antes de as dificuldades baterem sua porta. Os tempos passaram-se como luz a chegar no musseque, demorou muito...

— Eh! Aquela Nyashia que agora é Catarina

Mulata dos condomínios deve tá gorda.

Massada lembrava dos tempos passados e lamentava não ter conseguido manter ao seu lado a mulher que amava. Ao seu lado, estava avô Rébo, que ouvia as lamúrias do seu companheiro de lavra.

— Eu também tinha que ser rico — continuou Massada — mas, nu tem maca, dia nu mata dia, um dia vô í na cidade e ela vai me queré.

Avô Rébo, que até àquele momento não se intrometera, sentiu que precisava acalmar o jovem magoado, com a novidade que chegara há dois dias da cidade por telefone.

— Óh miúto, nô fara atoua, o meu fírio lá nda citate me ndisse qui Catalina, aquela camiúta que apagava nossa fungueira com saia ndera capiquena, já tá tipo é cobra-seca no fim, primero ingorda e ndepois seca.

— Hum, óh avô Rébo, quem te contou isso tudo? — Perguntou Kito, intrometendo-se.

— Intão já nô te ndisse quê meu fírio? Ele fala qui sida mata. Ela misturó nôsso café do mato com o reite nda citate e apanhou cabuara. Todo mundo fara que era angora mora numa casa com mbuedes povos e qui lis controlam nuns homens nde lopa mbrancas e todos ndias le ndão comida de água com umas coisas qui falam é sopa e ndepois lis ndão áqua nde nbeberi e umas coisas qui elis falam qui cura ndoença, uma cosa peligo-sa... — Massada, Kito e outros agricultores, reuniram-se para ouvir a história do avô sobre Nyashia.

Mesmo não entendendo bem o que o avô dizia, Massada perguntou: — Quala coisa avô?

— ndizem qui nô pode ser possuída por nenhum hóme porqui podi passari também a cobra-seca ndera nu hóme.

— Então ele é feiticeira avô?! — Massada baralhava-se nas palavras.

— Só podi, mô fírio, e aqueri fitiço veio mesmo por causa nda buniteza.

E em coro, Massada e outros homens da aldeia, depois de ouvirem tudo aquilo gritaram: — O pecado dela era sua beleza, agora sua beleza é sua sepultura.

**Por: Filipe Aragão (Ndakota Vulu)**

# 3

## AS ÚLTIMAS 24 HORAS

Titina tinha acordado cedo naquela manhã de quarta-feira, conforme todos os dias fazia, tomou o primeiro banho sobre a luz de vela, fez uma arrumação improvisada no quarto, enquanto o esposo ressonava na cama. Na sala, tacteou os compartimentos, pegou na banheira de mercadoria, onde continha pequenas quantidades de produtos diverso (quilos de feijão, sal fino, massa tomate, óleo, caldo e folhas de louro). A filha mais crescida, Nanda, dormia num minúsculo colchão ali mesmo na sala, minúsculo e velho. Após garantir que tudo estava pronto para partir, aproximou-se à filha, agachou e sussurrou-lhe: — Hey, ó Nanda, nu esquence o matabicho do tô pai. O cinquenta pro pão está em cima da mesa. Acende bem o carvão, no gasta todo o petróleo.

— Hmm... está bem mamá. E o almoço?

Com a voz sussurrante Nanda fez esforços de atender as orientações da mãe, é assim quase todas as manhãs.

— Nu tenho nada pra deixá. Onte nu vendi nada. Cozinha memo arroz branco.

— Tá bem, mamã.

Titina levantou-se e espreguiçou-se. A senhora parecia cansada, todos os dias a mesma rotina; vai para cama tarde e acorda logo pela manhã para o trabalho de zunga. Não há corpo que aguento.

Ela voltou para o quarto, retirou o seu pano no baú, deu uma volta na cabeceira e dirigiu-se onde o pequeno Minguilson de apenas oito meses dormia. Segurou-o cuidadosamente para não o acordar e levou-o às costas. O menino ainda deu um suspiro, uma tentativa de choro como se quisesse acordar, porém, aquela mãe experiente pôs-se a sussurrar uma canção enquanto amarrava o nó do pano no peito e o menino voltou a cochilar.

Ao chegar a sala, levantou a banheira e pousou-a na cabeça. Aproximou-se à mesa de plástico no centro, uma mesa azul. Retirou o telemóvel de botão cujo visor encontrava-se já semi quebrado, pressionou um botão da lamparina e apontou para a parede à frente de si, fitando o relógio de corda que tiquetaqueava ali. Os blocos nus e velhos saltavam à vista e exibiam a nudez da casa. A residência tinha apenas um quarto, uma sala e uma casa de banho no interior. Um espaço arrendado, viviam ali há mais de cinco anos.

Quatro horas e cinquenta e cinco minutos, marcava o relógio, um modelo antigo de plástico e madeira, velho e funcional.

— Essa falta de inergia neste bairro também chega a dar raiva yah! A inergia vem de dia, desapareci de noite, onde já se viu? Merda! Nanda, vem trancar a porta! — Gritou, mas não tão alto para que só elas as duas pudessem ouvir.

— Sim mamã. — Respondeu a pequenina de apenas dez anos, levantando-se e fechando a porta após a mãe ter saído.

As ruas ainda se encontravam desertas, ali no Cassequel onde ela morava. Para apanhar o próximo táxi, tinha de percorrer a extensão da rua e atravessar mais três quarteirões, pelo menos alguns quilómetros. Ruas esburacadas, casebres de chapas e de madeiras velhas, amontoados de lixos distribuídos em cada bazar, eram os grandes requintes da banda da Titina, que em passos acelerados atravessava cada avenida, avistando uma ou outra pessoa que fazia o mesmo trajecto ou andava em sentido contrário. Ela sempre tinha o cuidado de olhar para trás, vislumbrar à direita ou à esquerda antes de atravessar a rua. E quando se deparava com alguém, abrandava, até ter a certeza que não lhe faria mal ou não lhe roubaria os seus poucos artigos, poucos e valiosos.

Tinha atravessado dois quarteirões, avançava languidamente, quando de súbito foi surpreendida por um jovem que a prendeu teatralmente nos braços.

— Ché mamóite, dá tudo o que tens!

— Tenho? Só tenho o mó filho e o mó negócio!

— Ché kota? Vou ti dá um balazo nos cornos pra ver se nu aparece dinheiro!

Ele sacou uma arma de cano cortado — uma AKM preta e enferrujada — encostou-a em direcção ao ventre da Titina que ficou petrificada sem dizer uma única palavra. Ela mal se deu conta de como fora arastada do centro da rua para um canto na parede. A senhora agoniada, olhava nos cantos e arredores a ver

se aparecia mais alguém para lhe prestar socorro, nada!

— Moço prufavori, no tenho mais nada. Prufavori mi deixa em paz — suplicou.

— Se falares mais uma palavra, eu aperto o gatilho e espalho os teus miolos no chão, cabra!

A kota calou-se. O meliante começou então a apalpa-la rapidamente. Na parte da anca, entre as cuecas, colocando mesmo as mãos dentro do *soutien*, mostrando um sorriso malicioso e de troça no rosto quando alcançou as xuxas da pobre zungueira que assistia assustada e indefesa as acções do menino-monstro. O indivíduo aparentava ter abaixo de vinte e dois anos, mas com o rosto cheio de cicatrizes do ofício. Este percorreu até o nó na ponta do pano, desatou-o e retirou a nota de quinhentos kwanzas que lá se encontrava. Adivinhara ou conhecia o truque das mamóites?

— Essa merda nu é dinheiro? Vocês só merecem leva chumbo no focinho! Agora dá essa banhera, vou ver o que tás a vender!

Tendo dito aquilo, retirou a bacia, pousou-a no chão e começou a escolher os itens que lhe agradavam. Segundos mais tarde, uma voz no fundo da rua gritou: — Wi olha a hora, vamos cair fora!

O bandido retirou rapidamente um pacote de chouriço e correu atrás do parceiro de guerra. Titina que enxugava as lágrimas com um pedaço de pano, destapou no fundo da banheira e retirou um saquinho preto amarrado, abriu e retirou a outra nota de mil kwanzas de reservas para o táxi. Levantou a mercadoria e deu continuidade a marcha. Por milagre, mesmo com aquele episódio todo, o Minguilson não tinha despertado do

sono.

— Aeroporto, Rocha, Padaria! Mamã, vai?

— Pára moço!

Titina ainda estava a quase duzentos metros, mas não podia correr o risco de perder o primeiro carro que lhe apareceu, ali mesmo nas mediações da entrada da unidade operativa, para quem vem do viaduto do Ex-congoleses. Correu, segurando firme a banheira na cabeça com uma das mãos e com a outra a suportar o pequeno nas costas, até acomodar-se naquela viatura, um azul e branco.

— Calma, Nduta, não avança! Mamoite... você senta aí à frente. Boss vem só sentar neste assento aqui yah? — Solicitou o cobrador, indicando o outro jovem, gordinho e de roupas escuras que sentava na cadeira do meio.

O jovem fitou cruelmente o cobrador, amarrou um pouco o rosto, mas não disse nada, levantou-se e sentou-se conforme fora indicado. Titina por sua vez, sentou-se na cadeira de frente.

Quando arrancaram a viatura, o pequeno Minguilson já se encontrava no colo e acordado, sugava o pouco de leite que havia nas mamas pálidas da mãe. A banheira estava sobreposta no canto a esquerda, tinha sido encostado mesmo ao pé do seu joelho. Havia um silêncio ensurdecedor naquela madrugada, todos os passageiros tinham adoptado um comportamento típico da madrugada, muitos deles ainda ressentiam o desprazer de interromper o sono, porém, a necessidade é maior que a moral. Tinham que ir trabalhar e ganhar o pão de cada dia!

Entre descidas e subidas de outros passageiros, buzinas, congestionamentos e gritarias dos chamadores nas principais paragens, tinham atravessado o aeroporto e estavam prestes a chegar ao Rocha Pinto.

— Pessoal estou a cobrar! — Num tom alto e repentino, anunciou o cobrador — Aí atrás, por favor, juntem só o vosso dinheiro!

Cada um dos passageiros entregava a sua moeda e o cobrador prosseguia com o seu trabalho. Recebia, olhava para outro passageiro, espreitava na janela, chamava e o processo se repetia, enquanto Titina observava o pragmatismo do *coubele*. A nobre Titina desatou o nó do pano e retirou a nota em papel, entendendo a mão ao cobrador.

— Tá aqui o mó dinheiro, moço!

— Mil kwanzas? Mamoite, eu avisei dinheiro trocado! Agora vou ficar com o teu troco!

— Mas eu pidi quando subi, moço!

— Não ouvi!

— Ela pediu sim, o senhor é que só estava preocupado em levar os passageiros! — Respondeu o *ngolosso* vestido de negro.

O Cobrador fitou-o, conferiu o seu tamanho e a expressão da face que amedrontava qualquer mortal e decidiu não discutir mais. Desfez o troco e entregou a senhora.

— Moço! Fico aqui!

— Ah, momoite, eu disse para antecipar as paragens! Wi tira aqui — Aos gritos e reclamações, o co-

brador deu uma batida na chaparia do carro e o motorista desviou de imediato próximo à berma.

O jovem desceu, pegou a banheira da senhora e colocou por cima de uma pedra que se encontrava na berma. Auxiliou a senhora descer com a sua criança e arrancaram a viatura logo de imediato. Não faltou o brinde de fumaça do escape pulverizando Titina e Minguilson.

Ali na praça do Rocha, aquelas horas, por volta das seis da manhã, já havia um grande fluxo de pessoas. Alguns gritavam, outros circulavam de um lado para outro, outros tentavam apanhar autocarro, alguns discutiam pelos primeiros clientes do dia, outros vendiam e poucos compravam. Eram o dia-a-dia daquele povoado, tanto para os moradores, como para os que saíam de longe e viam naquela praça o seu ganha-pão.

Titina começou com a sua actividade também, atravessou a avenida e enfiou-se no interior da praça, deambulando de um lado para outro, gritando e vendendo os seus.

Até ao meio dia, tinha vendido pelo menos um quilograma de feijão e outro de açúcar. Na hora catorze, adentrou na barraca da dona Fifi, pediu um prato de funge com lambula, o mais económico que havia, sentou-se num canto com o Minguilson que já não podia ser consolado com apenas uma mamadeira e começou a comer com a mão, dando de comer também ao pequeno.

Enquanto comia, a senhorita lembrava-se da família que havia deixado em casa, questionando-se se a filha já tinha preparado o arroz, se o seu marido realmente se encontrava lá com a menina ou já fora procu-

rar o primeiro copo de *kaporoto*. Dona Titina, às vezes, aproveitava o momento do almoço para reclamar da sua pobre vida, ela e a dona Caró costumam a sentar ali na barraca por pelo menos uma hora, conversavam até chegar as horas de retornar às zungas. Algumas vezes lamentava o facto de não ter capacidade de colocar a sua filha numa escola, apesar da idade. A coitadinha da menina era a sacrificada, tão pequenina já era uma mãe na ausência da Titina, cuidando da loiça, fazendo almoço e as vezes mesmo o jantar quando a mãe chegava muito tarde das vendas.

— Tenho muito medo que ela fica na vida de miséria igual eu! — Dizia Titina em relação a filha.

Ao fim do dia, após às dezassete horas, o mercado fechava. Titina e outros vendedores eram obrigados a darem continuidade das actividades nas ruas, principalmente ali ao lado do asfalto, nas pedonais onde passava muita gente. O grande problema com aquele local é que elas tinham que estar sempre atentas com os seus inimigos, não eram marginais nem nada, eram mesmo os policiais e fiscais que sempre apareciam de surpresa, com os seus chicotes e avioletavam as pessoas. Às vezes se expropriavam de seus haveres. Quantas vezes o pequeno Minguilson já escapou de um cinturão estando nas costas da mãe? Inúmeras!

Aquele dia não tinha sido diferente, eram quase dezanove horas, Titina e as colegas ainda estavam lá, rolando com as suas banheiras de um lado para outro, gritando e chamando, cantando os seus produtos. Foi então, que num momento tão repentino, um carro da polícia, o famoso patrulheiro, apareceu e os populares colocaram-se em debandada. Tininha, Teresinha, Fátima, Titina, Fató e outras zungueiras da mesma laia,

corriam na mesma direcção, seguiam a estrada acima, tentando desviar-se dos policiais. De repente ouviu-se um primeiro disparo, seguido de um apelo:

— Parem imediatamente, senão eu atiro! Querem morrer?

Elas nem olhavam para trás e nem abrandavam. Avançavam, ofegantes. Dona Fátima já nem tinha os seus pertences, à ela só lhe interessava a vida. Então, num grito frenético, num solavanco, ouviu-se outro disparo abafado. Puff!

— Aiii! — Cada uma delas gritou, como se tivesse sido atingida, foi aí que perceberam que faltava uma no meio de muitas. Uma delas tinha caído no chão. As senhoras interromperam bruscamente a marcha e voltaram-se para trás.

— Ai meu Deus!

— Mataram! — Gritou Fató.

— Matou! Matou! Matou — os populares começaram a gritar e a encostar-se à vítima.

Os policiais, dois deles que também estavam próximos, pararam e entreolharam-se.

— Quem te mandou atirar a queima-roupas?  
— O outro indagava o colega que usava umas raibans pretas.

— Eu ordenei para pararem! — respondeu, parecia nervoso e balbuciava.

— Mas ninguém te falou para atirar, a ordem não era essa!

— Vamos atrás deles, não podem ficar impunes!  
— Ouvia-se dos populares que se aproximavam.

Foi preciso apenas uma fracção de segundos até os agentes correrem em direcção onde saíram, mas o fizeram por baixo de pedras, paus, garrafas e todo o tipo de material que os populares revoltados arremessavam.

— Vamos matá-los também! — Prometiam.

E naquele momento, o caos estava instalado. Havia tiros, incêndios, pneus queimados sobre o asfalto, vidros de viaturas quebrados e tudo o que se podia chamar de violência e intolerância. Tinha-se decretado uma guerra entre civis e agentes da polícia. Até a esquadra que se encontrava no quarteirão mais próximo foi invadida. Foram precisos reforços de todo o tipo, até a imprensa tinha sido chamada.

Titina gritava por socorro, mas ninguém lhe ouvia. Perguntava-se se tinha perdido a voz, ou se o mundo tinha ficado surdo e mudo. Ela se via deitada e as pessoas a rodeavam, gesticulavam e movimentavam as bocas, parece que falavam e gritavam entre elas, mas ela era a única incapaz de ouvir.

— Socorro! Socorro! Mi levantam daqui! Eu stó bem, nu sinto dor, mas no consigo levantar. Mana Fátima? Mana Teresinha? Fató? — Titina gritava e chamava pelas pessoas que estavam ali perto e até choravam, ela podia ver, porém, por mais que tentasse ecoar a voz com mais violência, ninguém a ouvia.

— Mas stão a chora quê então, mó Deus?!

Foi então que ela decidiu tentar novamente levantar-se e viu-se a flutuar no meio do nada, como se tivesse enganado a teoria da gravidade. Após alguns

poucos segundos submerso, vendo praticamente todos no chão a um nível diferente ao dela, Titina tomou então a consciência do que passava.

— Mó Deus! É o mó corpo no chão! Sangui... estou cheio de sangui, muito sangui no chão! E a Mana Fátima pegou o mó filho, o mó Minguilson está a chorar. Ai mó deus e agora? — Então, começou a soluçar, desatando-se a chorar também, embora não podendo sentir as lágrimas e nem pudesse tocar-se. — Mó Deus! Pur quê eu! Quem vai dar de comer os mós filhos? Quem vai cuidar do mó bebé? O que será deles sem mim? Nu posso, não agora, não assim, na rua, na estrada como um animal qualquer, sem dono. O que eu fiz de errado para morrer como uma desgraçada?

Luanda, Fevereiro de 2021

**Por: Lucas Cassule**

## 4

### A LAMÚRIA DO POVO

Vila de Cacuaco...

Recebo uma mensagem do Tony no Whatsapp:

“Wi, amanhã vais na manifestação?”

Penso duas vezes antes de dizer qualquer coisa. Não que eu seja contra a manifestação, mas o verdadeiro motivo por trás do que eles chamam de manifestação é o que me assusta.

Toco na caixa de diálogo da mensagem e escrevo:

“Não, Tony. E você?”

“Não, wi. Eu sou mbora TJ.”

Jogo o *smartphone* na banca e rendo-me àombeira. O dia foi exaustivo, mas valeu.

Alguém bate a porta do meu quarto.

— Entra! — digo.

A porta abre-se. Mãezinha, minha irmã de dezasseis anos, entra sorrindo. Seus olhos cor-de-urso observam o quarto.

— Mano — ela começa —, amanhã não vais...

— Ahhhh! — grito. — Mãezinha, eu não vou nessa manifestação.

Ela sai do quarto com o queixo caído. Talvez agi de forma dura, mas foi a melhor decisão. Já basta ver pessoas sendo mortas por não fazerem o simples uso da máscara em seus carros. Agora imagine protestar contra a ditadura que o país enfrenta?

Isso me lembra a crítica que Platão fez a todas as formas de governo, quando não bem exercidas. A democracia pode degenerar em uma anarquia; e a monarquia transforma-se em uma tirania; logo, a aristocracia em oligarquia. Nessas situações, o governante não está mais governando para e pelos seus governados, mas em virtude de seus próprios interesses. Isso é a Angola que conheço. Não adianta manifestar, nada vai mudar. O mesmo Platão entendia a tirania como a corrupção da monarquia.

Decido não pensar muito nesses assuntos e acabo adormecendo.

Na manhã de hoje, não tem como não despertar. O tumulto lá fora é absurdo. Ouço passos marchando sobre o pavimento flexível da estrada. Não escuto o som dos pneus dos carros, isso me faz crer que a manifestação está a acontecer.

Coloco a cabeça para fora da casa e, então, vejo

com os meus olhos: ruas bloqueadas, policiais para tudo quanto é lado. Jovens marchando em silêncio, mas em seus rostos há aparência de raiva e motim. São pessoas que já passaram por muitas dificuldades.

Até eu sair do quarto e tomar a refeição, já passaram duas horas.

Na sala, a mesa vazia informa-me que todos saíram. Minha mãe deve ter ido à praça batalhar, mais uma vez, pelo nosso pão de cada dia. Meu coração despedaça em múltiplos pedaços de vidro por ver minha mãe, já cansada de ser perseguida pelos fiscais, saindo todas as manhãs para ir ao mercado onde é absurdamente perseguida por homens covardes montados em cavalos.

O sol bate na vidraça da janela e ilumina a casa com seu esplendor fulvo.

Pela internet acompanho o trajecto da manifestação. Pelo que observo, dois activistas foram atacados pela polícia com gás lacrimogéneo.

“Francamente”, reflecto.

Atacar a população com gás lacrimogéneo?

Para quê tanto ódio de um povo que só quer falar? O povo aflito, repudiado e mal-amado só quer gritar. Acaso existe problema nisso?

Sinto raiva só de pensar.

Uma vez li num artigo da internet que o gás lacrimogéneo é composto por substâncias irritantes da pele, dos olhos e das vias respiratórias. Ao estimular os nervos da córnea, esses gases causam, de imediato, lacrimação, dor e até mesmo cegueira temporária. Além

disso, podem causar quadros graves de alergia respiratória, tanto aos atacantes como às vítimas, e até podem levar à morte. Nesse sentido, seu uso é contestado por especialistas e grupos defensores de direitos humanos.

Sigo as notícias e leio:

As praças estão vazias. Tanto as vendedoras como jovens estudantes marcham em direcção ao 1º de Maio, onde já se fazem presentes outros jovens corajosos e a polícia.

— O quê?

— Praças vazias?

— Meu Deus, mãe!

Entro no quarto e coloco uma camisola.

Elas foram à manifestação. Tanto a Mãezinha como a minha mãe.

— Ah... eu vou dar um berro nelas!...

Saio para o quintal. Os vasos e as plantas sentem o clima tristonho que o país vive, suas folhas estão curvas como um moribundo no deserto cuja garganta implora por água. Subo na minha bicicleta e pedalo para fora.

É impossível a locomoção. Há muita gente na rua. Muitos policiais a bloquearem as passagens com os seus escudos e cães.

Consigo ver uma porção de pessoas indo em outra direcção. Sigo-as. Continuo a pedalar como louco.

Sinto o coração pesado, o suor escorre pelo meu rosto. O sol ardente não me permite seguir a viagem pedalando, por isso, decido abandonar a bicicleta e marchar com os outros jovens.

Eu não estou a protestar. Estou só a ir buscar os meus familiares.

O engraçado é que o povo não destroça coisas. Não vejo pneus sendo queimados e nem gritos de desespero. É só uma marcha pacífica até ao 1º de Maio, onde tudo será feito. Pergunto-me se tudo vai continuar só assim.

Um policial aparece à frente e tenta impedir-nos de passar, mas o povo marcha. Mais policiais aparecem com armas.

Poff... poff... poff.

Três tiros vão ao ar.

O grupo que marchava abrandava e caía por terra. É possível sentir o medo. A dor aqui é colectiva.

— Sem violência!

Uma jovem grita.

— Sem violência! Sem violência! Sem violência.

O povo canta. Todos levantam.

Sinto uma energia dentro de mim. O povo perdeu o medo.

— Sem violência! — solto o grito como um lobo.

— Sem violência! — grita uma senhora na fren-

te.

Ela é a activista.

Mais um outro grupo aparece e junta-se ao nosso lado. A polícia não consegue impedir-nos. Seguimos o percurso até sairmos na estrada asfaltada.

Na estrada, o cenário é pior. Uma barreira feita pela própria polícia separa o povo com os outros agentes.

Há uma viatura à nossa frente. Um homem de cabelos crescidos e encaracolados corre e sobe por cima do carro. Alguém lhe entrega um megafone branco. O homem agita-o e comunica:

— A manifestação é pacífica, senhores. Nos deixem exercer o nosso direito como cidadãos angolanos que somos.

A resposta da polícia não foi amigável.

Cai sobre nós uma lata de gás lacrimogéneo. Há uma explosão de fumo. A fumaça densa e emaranhada esconde minha visão. Meus olhos queimam, minha pele ferve. Não consigo respirar. Falta-me ar. Não consigo abrir os olhos.

Sinto uma mão em minha cintura. O homem que subira por cima do carro agora ajuda-me a sair do meio da fumaça. Mais pessoas estranhas ajudam outras a saírem de perto.

Tudo está turvo. Não foi para esse propósito que vim aqui. Eu quero minha mãe e minha irmã de volta. Eu quero minha família, essa coisa de protesto já foi longe.

O povo corre. A polícia faz tiros.

Poff... poff.

Mais uma lata de gás pousa ao meu lado.

Droga!!!

A lata rola. Sai fumo na ponta. Uma menina apanha a lata de gás e, lançando em direcção aos policiais, grita:

— Ninguém toca no meu irmão.

Esforço-me a fim de vê-la.

É a Mãezinha. Seus olhos cor-de-urso convidam-me a levantar. Mas a cabeça dói, estou tonto, muito tonto para levantar.

A polícia corre em desespero.

Boa. O gás afectou-os.

— Paíto... Paíto...

Escuto a voz de minha mãe.

— Ele tá aqui, mãe — diz a Mãezinha.

Alguém derrama água em meu rosto. É uma água estranha, porque tem gosto de leite gordo.

Não é água... é leite.

A dor some dos meus olhos. Quase me afogo com o leite que minha mãe derrama em mim.

— Mano, vieste fazer aqui o quê?! — Mãezinha questiona-me. — Não falaste que não podias fazer a manifestação?

A mamã ajuda-me a sentar na calçada. Vejo o povo seguindo com o protesto.

Sinto muito, mas isso não é para mim. É muita pressão.

Após recuperar totalmente os sentidos, contei-lhes o porquê da minha saída de casa.

— Eu vim vos procurar — terminei.

— Awuaaa... mô filho, Paíto. — Mamã lamenta. — Nós não estávamos aqui. Nós fomos na casa da dona Fató. Quando voltamos, os vizinhos nos contaram que você foste na manifestação. Por isso te seguimos. Mô filho... não faz isso comigo.

Olho o rosto cansado da Mãezinha e da minha mãe. Elas são a minha família, são a minha fonte de vida. Eu queria continuar na manifestação e gritar o mais alto que posso que o país está mal. Contudo, minha mãe, minha querida dona Esperança e a minha irmã são o motivo de eu querer voltar para casa.

Levanto e seguro-as. Regressamos juntos para casa.

Depois de duas horas, chegou a notícia da morte de um jovem que protestava. A causa da morte não se sabe ao certo, mas a internet conta várias versões. Mas, enfim, não sou o homem das manifestações. Onde a minha família tiver paz, aí eu estarei. Com sol ou chuva, fome ou seca.

**Por: Bondi Kiala**

## 5

### ESQUADRA FESTIVA

O ano, novinho, era tão sem idade que ainda não lhe ocorrera uma boa maldade.

Passageira frequente de dezembros para janeiros, Kayovo, após a passagem d'ano, achou-se habilitada para classificar que a última viagem executada fora dentro da primeira classe. Ela movia-se serena no ventre da rua da esquadra, sobre a bicicleta, repleta do desejo de prosperar no encontro com bens amados.

A chegada era na residência de família da Tchinuike. Kayovo bateu o portão com a inteira agilidade de bicho-preguiça, sem urgências: a tarde estava cedo.

— Pela hora, pensei que não vinhas mais — era a fala de Tchinuike, seguida de abraço.

— Está bom ou não está? Se tua amiga não regressa, não é porque ela nunca foi?!

— Nunca foi amiga ou nunca foi embora?

— Nunca foi ‘mbora amiga, Tchinuike.

Nada indicava que a ambientação era de uma primeira segunda-feira de Janeiro, salvo o calendário condenado a estar pregado na parede, dose meses por ano. Bicicleta estacionada, a visitante felicitou os irmãos da amiga, eles de caras matizadas de festa, humores floridos de gáudio, egos cheirando a bolo-rei.

— Feliz ano novo, família!

— Feliz ano inteiro, Kayovo!

Formalidade de cumprimentos cumprida, as duas amigas ilharam-se no interior do quarto. Kayovo e Tchinuike exercitaram a amizade conversando, versando a conversa para engraçadas desgraças. Como é custosa a floricultura da idade.

— Tchinuike, teu pai não lhe vi — uma fotografia do senhor fez-lhe lembrar que não lhe dera os kandandu. — Ainda não saiu do ano passado ou quê?

— Se calhar, está sempre naquela base, naquela unidade dos militares, a ordenar para o comandante em chefe lhe ordenar – Tchinuike afagou a foto do pai.

— Se não gostas que o teu pai seja do exército, estás a te preparar para ingressar por quê?

— Para defender minha família, Kayovo. Meu pai defende a nação, sim. Mas nos defender que é bom, nada! Nos ofende que é uma tristeza: não sabe o que é

estar com os filhos no dia das famílias. Por isso, minha mãe pegou na decisão, se apegou na morte, se apagou dessa vida, se pagou lá uma vida eterna. Foi embora daqui e prefere cuidar de cada um de nós a partir do céu, a minha mãe.

A terra girava lenta, sedenta de brilhos de um sol lento, sedentário. Nunca se faz nunca para a Epifânia da noite: a lua surgiu para desfilas a sua intimista e virtuosa claridade. A luz da lua veio então às foras das casas, dentro das ruas.

Só para contrariar, a electricidade bazou. Fez-se calor e desconforto nos corpos. As amigas foram estender-se no quintal. Transpirar é uma seca, proclamaram. Tendo verificado que os irmãos de Tchinuike dormiam sonos de sonhos, elas fecharam portas e portões, foram rondando pela rua da esquadra.

— Ainda bem que deixámos as bicicletas. Essa tua rua é mesmo segura?

— Verdade nua e crua? – perguntou Tchinuike, enquanto vigiava à direita, à esquerda, dois extremos da rua, à luz da lua, à sombra de algum receio. – Essa rua é mais segura que a certeza de que um dia morreremos.

Um bando muito bandido pousou no meio das duas, apontou-lhes armas brancas nas partes dos corpos onde as almas mais gostam de repousar. Uns pintados de azul, outros de vermelho, amarelo e preto, mulheres e homens ordenaram-lhes que entregassem imediatamente tudo o que julgavam ter.

— Só temos o que somos – da voz trémula de Kayovo entendiam-se essas palavras. – Aqui e agora só nos temos mesmo uma à outra. Nos deixem só ir.

— Isso é assalto, porra! – berrou o mais colérico aos ouvidos das amigas, revezando-se. – Se nós vos deixar completas, assim é mais assalto, suas burras?!

Tchinuike lacrimejava pelos poros, porém, gota-a-gota, paciência esgotada:

— Se meu pai vos apanhar, vossas mães vão vos perder, jurei mesmo.

Os humanos são muito sensíveis às maldades que fazem. Tchinuike canalizou a totalidade da letalidade da sua raiva para a fala ameaçadora, o que encolerizou os assaltantes. Kayovo tremia de coragem e manteve a postura de confundir adversários: transformar a fraqueza em força, no acto milagroso de enfrentar o perigo. Naquela hora, o bando manipulou as armas brancas em movimentos de conduzir as suas vítimas à morte. As mulheres da quadrilha retiraram-se da linha da frente. Enfrentando aquele vergonhoso acto do homem, foram-se afastando até chegarem muito perto de uma certa distância. Os homens, gozando das imunidades que o machismo lhes assegurava, aproximaram-se ainda mais dos transpirados corpos das duas amigas e, harmonizados como uma orquestra, focaram as facas como maestros posicionam as batutas. Feito isto, os bandidos fizeram-se à via, à velocidade que se via num político necessitado de fugir do povo, nas terras de empoeirar os céus.

As duas moças estranharam os movimentos, todavia, havia, naquele oportuno instante, a preferência de aproveitar os altos níveis da bravura para acordar daquela aterrorizante realidade. Depois de correr alguns segundos sem destino sabido, a lealdade à amizade parou Kayovo que deu meia volta para Tchinuике. Tchinuике não estava nem entre as coisas mais feias do mundo que Kayovo sentia, nem entre as mais entristecidas. Talvez, a lua soubesse dos perdidos e achados da noite. Kayovo voltou o apreensivo olhar ao luar para perguntar.

— Tchinuике, estás me escutar?

— Estou! – Kayovo sorriu para a lua. – Senhora lua, és tu? Tchinuике está onde?

— Estás mesmo aluada, maluca! – disse Tchinuике ressurgindo do quase escuro, do quase nada, do quase vazio. – Achas mesmo que a lua fala a nossa língua?

- Só acho que ela é quem te trouxe. Só acho isso.

Kayovo considerou que ser aluada talvez fosse um elogio naquela noite que beirava à loucura. Iniciaram o regresso a casa. A luz lunar tocava as amigas, enquanto pisavam o chão com corpos inteiros, de corações dados, braços alados, lado a lado. A amizade é como tudo: tipo nada.

Surpreendentemente, Kayovo reparou que era provável que porção da sudação de Tchinuике fosse se transformando em sangue. Provou com o paladar e a maioria dos sentidos: aquilo tinha o contragosto de san-

gue. Em casa da família de Tchinuike, acordaram os irmãos, contaram o que havia sucedido.

— Tudo o que nesse conto contém, convém que contem à Polícia.

— Isto não é conto — resmungou Tchinuike aos irmãos duvidosos.

Depois dos primeiros socorros à Tchinuike, foi a vez de esta diagnosticar a companheira com a síndrome de sangramento tardio. Apesar dos perigos que as noites frias das almas dos humanos conservavam pelas ruas, era necessário sair de casa. Saindo de casa, discutiam onde ir primeiro: todos para a esquadra, todos para o hospital, alguns para ambos lugares? Saindo de casa, foram aceitando que aquilo era parte das quadras festivas, das festas das quadrilhas, dos quadrados de vícios.

Postos no posto policial, não podiam crer que danças embriagadas por músicas alcoólicas encarnavam nos corpos dos agentes descontraídos por lá. As duas companheiras entraram mais para o centro do salão da esquadra. Os irmãos de Tchinuike ficaram fora, apavorados. Os agentes da polícia demoram um pouco a fazer o reconhecimento às meninas, mas não pareciam surpreendidos. Aliás, pediram que ambas se misturassem à dança.

— Dança cansa? – gritou um agente na tentativa de aumentar o volume da voz. – Dança não cansa. Feridas, sim. As feridas afadigam a vida, tratar delas fragiliza, mata mais que as ignorar – serpenteando envolta das duas foi emitindo gritos de alegria. – Depois da dan-

ça tratamos da ocorrência que já sabemos.

— O senhor sabe de quê? – perguntou Tchinuike, furiosa como um furacão.

— Fica calma. Sei de tudo – deu um gole falhado na bebida: caiu-lhe kapuka de boca abaixo. – Tu não vais ser militar? Sobreviveste ao assalto: vais ser.

— Sobreviveu? – perguntou Kayovo, nevosa de nervos. – Explica bem, senhor!

Fez um sinal para ser seguido enquanto se dirigia para um escritório. O lugar era sujo, dinheiro sujo sobre a secretária, secretária semi-nua deitada num canto. O agente rogou que as raparigas menorizassem o pasmo que lhes lia nos rostos.

— Se vocês ficarem assustadas não vão ver bem o que quero vos mostrar.

O agente descortinou um quadro suspenso na parede, ao qual crucificou imagens de vários cidadãos de aparência antipáticas. Foi apontando alguns:

— Esses tipos tipo são aqueles nossos bandidos, né, Tchinuike?! – Kayovo disse.

— Nem mais! - Tchinuike voltou-se para o agente da polícia. – E estão aonde?

— No paraíso é que não – disse o agente da polícia, parecendo um coxe coach. – No caixão é que não estão. Esses gajos exploram o potencial que não são deles. Quereis ver os cadáveres e os haveres deles? Para

além dos rostos mortais, também querem ver os restos mortais dos gajos e gajas? Vão aguentar ver?

Kayovo e Tchinuike, agitando a cabeça, deram corpo à linguagem: fizeram que não. Ver o bando de violentadores mortos pode cuidar das futuras cicatrizes das vítimas de modo paliativo, mas não cura. As meninas escolheram despedir-se daquele lugar.

O agente da polícia atirou-se para cima da secretária adormecida.

As moças atravessaram o salão, encontraram os irmãos do lado de fora.

— Os nossos bandidos não moram mais no mundo dos vivos – anunciaram as meninas aos irmãos de Tchinuike. – Mas ali dentro há bwé de vivos, alguns bandidos pintados de azul, outros mais bandidos de vermelho, preto e amarelo.

Rumaram para o hospital, deixando aquela esquadra festiva, de onde se ouviam músicas iletradas.

Luanda, 9 de fevereiro de 2021

**Por: Fernando Kawendimba**

## 6

### A VIAGEM ATÉ À MORTE

Chegámos à agência de viagem. Prontos para adquirir a passagem. Eu e Minguito vínhamos de um ponto muito distante daquela paragem. O local estava abarrotado de gente, com as mentes focadas na pressa de comprar os bilhetes e poder partir para um destino sabido.

A bilheteria tinha uma fila enorme, tanto que os trabalhadores não conseguiam dar conta de toda aquela enchente. Alguns deles com os rostos a demonstrar fadiga de tanto atenderem aquela toda multidão impaciente. Eu dizia ao Minguito que não queria estar no lugar deles, pois o atendimento ao público é algo muito difícil, porque tens que lidar com pessoas com diversos tipos de comportamentos. E os futuros viajantes não ajudavam, o local parecia uma sanzala de tanta confusão. Os utentes aparentavam ser pessoas de diversos pontos do país, querendo regressar às suas províncias, assim como nós. Alguns demonstravam ser trabalhadores do campo, pois, naquela região, havia muitas fazendas, e eles estavam com uma pequena porção de terra nos seus dedos

e roupas, essas que estavam degradadas. Outros estavam mais para viajantes que só pretendiam sair daquela região. Até porque a zona era de muitas actividades de trabalho pesado, havia fábricas, fazendas e empresas do ramo da agricultura, avicultura entre outras.

A fila parecia que não tinha pernas, pois não se movia. Estávamos estagnados no mesmo lugar como se o tempo também tivesse parado. Mas a nossa vontade de regressar à província que nos viu nascer, Huíla, fazia-nos ter a máxima paciência. Aborrecidos, estávamos nós. Então, começámos uma conversa para ver se a demora não continuasse. Nos ouvindo, um velho senhor interpelou o assunto e infiltrou-se na nossa conversa como se fosse um espião, que entrava no território inimigo para se informar dos verdadeiros planos. O diálogo foi crescendo e tornando-se abonatório para nós, ele nos passando tanta experiência dos seus tempos de guerra e nós ouvindo e imaginando os contos como se lá estivéssemos a combater com o senhor, chamado Tchipilika. Era um senhor velho, forte, de estatura média, com marcas de guerra no rosto e transmitia sangue e choros nas suas histórias, tornando aquele momento inesquecível para nós.

Quando demos por nós, já estávamos defronte à cabine da bilheteria, porém ainda desejávamos ouvir mais histórias do velho Tchipilika que poderia seguir viagem na direcção oposta à nossa. Comprámos os nossos bilhetes e aguardávamos o momento da partida. Foi tão difícil despedirmo-nos do velho, como se tivéssemos que dar um último adeus a um familiar nosso muito próximo. Tentámos não ficar tristes, mas era difícil. A ligação com ele ficou em nossos corações e o seu rosto nas nossas memórias.

Minguito foi comprar algo para que pudéssemos comer ao longo da viagem. Eu fiquei a guardar-lhe o lugar no banco, à espera que entrássemos no autocarro. Chegou uma família perto de mim, uma mãe com os seus três filhos, dois rapazinhos e um bebé do colo, ela não aguentava de tanta carga nas suas mãos, disponibilizei-me para ajudar, e cedi os lugares que pertenciam a mim e ao Minguito. Enquanto isso, tocava uma música do cantor angolano Matias Damásio, “País Novo”, nos altifalantes instalados na sala de espera. Chegou o momento de partida e perfilávamo-nos para entrar no autocarro e ocupar os nossos lugares, que coincidentemente os nossos bancos estavam próximo da senhora com os seus filhos. Então estávamos prontos para seguir viagem, que seria muito longa e cansativa. Os dois rapazinhos eram muito simpáticos e inteligentes. Falavam com o Minguito, contando certas brincadeiras que faziam nas escolas com os seus coleguinhas. Minguito que foi sempre muito humorista, fê-los rir tanto que os risos dos pequenos incomodavam os passageiros.

A viagem percorria o seu curso calmamente, alguns dormindo, os jovens teclando — pareciam estar nas redes sociais —, uns ligavam para os seus parentes e outros em diálogos. O motorista solitário e sem sono, estava firme e concentrado na viagem. O seu rosto expressava responsabilidade e seriedade, sempre atencioso para com os passageiros que necessitavam de algo que vissem pelo caminho. De repente, Minguito levantou-se e foi até ele, puxando assunto...

— Como vai indo o trajecto, senhor? — Perguntou Minguito com as mãos nos bolsos, e olhando firmemente, pela forma magnífica que o motorista dominava o volante.

— Muito bem e tranquilo, filho! — Respondeu o motorista com olhos atentos na estrada e, acariciando o volante como se fosse o corpo de uma mulher que deseja ter as mãos de um homem apalpando-a.

— O senhor já faz isso há muitos anos? — Perguntou novamente o Minguito, tentando buscar mais sobre o motorista, e com objectivo de adquirir mais experiências teóricas de condução, visto que o motorista era alguém de meia-idade.

— Desde que me tornei homem, é a única coisa que sei fazer de melhor, e gosto bastante de conduzir, pois me sinto especial por transportar tanta vida no meu autocarro e, poder deixá-los em segurança até aos seus destinos.

E a conversa entre eles se desenvolveu durante muitas horas. Havia muitas gargalhadas entre ambos, parecia que estavam a se entender muito bem, pela forma que movimentavam os rostos quando falavam.

Eu no banco. Olhando o caminho pela janela, via imensas coisas lindas, a natureza do nosso país enchia-me de alegria, vendo faunas, montanhas, rochas brilhantes como se fossem estrelas. A minha mente entrava em diversas utopias de como seria se nos importássemos verdadeiramente com a mãe natureza, se o estado criasse e aplicasse condições para o desenvolvimento do nosso meio ambiente. Olhava eu para o céu, passava um avião da companhia Emirates, calculava a distância que estavam da terra, e diversas possibilidades sobre qual deveria ser o seu destino. Eu nunca tinha viajado de voo, e pensava como deveria ser, mas também tenho medo de altura, como vai ser quando chegar o dia? Eram essas as inquietações que surgiam na minha mente.

Queria tanto chegar e poder ver novamente a minha família, que já não os via há dois anos. Na última vez que nos vimos, o mundo estava a celebrar o campeonato mundial de futebol na França. A minha mãe a comercializar o seu negócio de carvão e petróleo numa capracinha num bairro vizinho. Os meus irmãos estavam a terminar o médio e ansiosos para ingressarem ao superior no ano que se seguia. Eles estavam sem um guia paternal, mas a mãe fazia os dois papéis da melhor forma possível...

Eu me perdia nesses pensamentos, e quando voltei a prestar atenção na viagem, notei que estava a chover, era muito forte e parecia que os trovões estavam perto de nós. Sentimos umas turbulências no autocarro naquele momento, a estrada estava escorregadia e havia buracos nela, ficámos todos com medo, imaginando que acontecesse o pior, algumas senhoras demonstravam o seu lado crente e começavam a fazer orações para que o pior não acontecesse. Mas naquele momento já era tarde para fazer as preces, pois o motorista tentou desviar-se de um dos buracos contidos na via. O autocarro desequilibrou-se pela manobra perigosa efectuada. Capotou inúmeras vezes, e ficou com as rodas para cima. Houve sangue e choros por tudo que é canto. O corpo do motorista encontrava-se fora do autocarro, banhado de sangue em todo rosto, parecia um monstro. Os corpos da família que eu ajudara, estavam pendurados na janela como se quisessem sair para sobreviver, outros com os membros separados dos corpos, pareciam abatidos como animais num matadouro, onde os trabalhadores parecem ter o prazer em tirar a vida a um animal. Mínguito encontrava-se no lugar do motorista com as mãos presas ao volante e cabeça colada ao vidro frontal, cheio de sangue. Eu fui encontrado há três metros do

autocarro com o pescoço quebrado, lágrimas no rosto e sangue em todo corpo, levando assim comigo o desejo de voltar à terra que me viu nascer.

Todos que fazíamos viagem naquele autocarro perdemos a vida de forma desastrosa. Apuraram assim a polícia e os órgãos competentes da saúde quando chegaram no local do triste ocorrido. Morreram todas as vontades e objectivos de cada pessoa que estava naquele autocarro, que na inocência cumpria a viagem que, afinal, era até à morte.

Luanda, Gamek-à-Direita, aos 05 de Fevereiro de 2021

**Por: LWEYO**

# 7

## O HOMEM QUE NÃO TINHA NADA

Belize, uma cidade e município da província de Cabinda. Considerado o município mais setentrional do país. A população é do grupo etnolinguístico Bafunde, sendo o Kiyombe e Kisundi variantes da língua nacional Fiote, os idiomas maternos predominantes no município. O município habita cerca de dezanove mil pessoas, entre eles havia um homem que não tinha nada, mestiço, olhos castanhos e cabelo liso, muito conhecido pelo povo da aldeia. Incorruptível, estava completamente sozinho no mundo, vivia de acordo as suas possibilidades, mas um certo dia, o homem que não tinha nada, decidiu mudar o rumo da sua vida. Já não aguentara tanta pobreza, agora queria ter tudo que um dia sonhou.

Numa quinta-feira do mês de Outubro, Monangambé caminhou cerca de trinta quilómetros a pé com as sandálias gastas e o seu casaco preto de capuchinho a procura de “mestres” de segredos diabólicos. No seu caminhar encontrou um velho sentado no chão que preparava a sua rede de pesca debaixo de um embondei-

ro, rodeado de folhas secas que caíam.

— Lembekela bubote!<sup>1</sup>

Com o pano amarrado na cabeça e um copo de caporoto na mão, de vez em quando dava um gole de satisfação, o ancião perguntou:

— Lizina lyaku nani?<sup>2</sup>

— Minu Monangambé<sup>3</sup>

— Nca wisalanga aku<sup>4</sup>? – Perguntou o velho com ceticismo. Monangambé descreveu o grande motivo da sua visita. A conversa entre eles foi ganhando vida, o ancião batia o peito em cada gole de caporoto. Minutos depois, os dois entraram para dentro de casa. Havia painéis pretos com folhas secas, quadros estranhos pendurados nas paredes, cabeças de animais por cima dum pequeno altar que tinha no interior da casa. Monangambé ficou em silêncio, observando cautelosamente, até o velho oferecer-lhe uma caneca de alumínio com um líquido estranho.

— Eu vou resolver o seu problema – disse o velho, enquanto acendia as velas vermelhas no seu altar esquisito de madeira escura.

— O que é isso? — Perguntou Monangambé, olhando com desconfiança a caneca.

— Unwa<sup>5</sup>, sem fazer perguntas. — Monangam-

---

1        *boa noite*

2        *Como te chamas?*

3        *Eu sou Monangambé*

4        *O que fazes cá?*

5        *Toma*

bé tentou se explicar, mas o velho cortou-lhe a palavra — Olha, saiba que já não tem volta, já conheces os segredos das trevas.

O velho sacudia o corpo do pobre homem com uma vassoura feita de capim seco, e as velas vermelhas queimavam à sua volta. No fim do ritual, o ancião amarrou uma corda vermelha na cintura do seu cliente.

— A corda não pode ser molhada, se isso acontecer, certamente morrerás — disse o velho.

— Todos os meses tens de oferecer galinhas, bananas e bebidas “quentes”, como forma de agradecimento aos deuses — finalizou.

Monangambé saiu dali radiante, cheio de planos na cabeça, pois, dentro de três dias a sua vida terá um outro sentido, como prometera o seu “mestre” Mambuco.

— Vou comprar uma fazenda maior que a fazenda do camarada Uanhenga. Vou construir um aviário no município sede da província!

Ainda lembrou-se de construir uma casa de adobe para morar. Seu sonho de criança.

O senhor Uanhenga tinha um espaço invejável, onde plantava diversos tipos de frutas e criava vários animais, era considerado o homem mais rico da aldeia, fazia grandes doações na população. Era muito querido pelo povo. Monangambé sonhava em ter a maior fazenda da aldeia, onde poderá criar as galinhas, patos, cabritos, porcos e muito mais. Queria ser respeitado não só pelo seu talento e humildade, mas também pelo dinheiro. Ganhar fama e respeito como o “Boss” da aldeia que lhe viu nascer.

\*\*\*

— Monangambé, estás tão feliz hoje, até parece que viste Mfumu Nzámbe (Senhor) – disse o soba grande da aldeia – vem cá, a filha mais velha do Uahenga está a ser noivada, vamos lá beber uns copos de “quente”. Monangambé não recusou o convite, os dois se apressaram, o plano era devorar as garrafas de madjievú, caporroto e comer a sacafolha de banana. A festa estava muito animada, os ritmos dançantes do kintueni deixavam os convidados eufóricos, há quem vomitava de tanta bebedeira. A música continuou até de madrugada.

Quando amanheceu, Monangambé despertou com a luz do sol que batia forte no seu palácio feito de pau-a-pique, a cabeça bombardeava de ressaca. Na tentativa de se espreguiçar, notou a existência dum baú estranho de cor preta na sua casa, o medo tomou conta de si, em passos tímidos ele foi se aproximando, abriu logo o baú, não directamente com as mãos, é certo, mas sim com um pau, os olhos quase que saíam para fora como nos desenhos animados ao ver tanto dinheiro. Então, lembrou-se do que o seu “mestre” tivera dito, deu um sorriso esticado.

— Pobreza agora é passado — disse erguendo a cabeça para o céu, como estivesse a agradecer aos deuses.

Em pouco tempo comprou um espaço próximo do maior rio da aldeia, onde plantou vários tipos de frutas e fazia criação de alguns animais. O homem que não tinha nada, tornou-se dono da fazenda supremo da aldeia, e maior produtor de banana, mandioca, sacafolha, entre outros produtos. A sua fazenda desenvolvia rapidamente, causando inveja aos outros fazendeiros. Com o dinheiro que ganhara, mandou construir

escola e reabilitou a estrada principal da aldeia. Alguns munícipes se perguntavam: «Aonde o pobre homem da aldeia conseguiu tanta riqueza?» Monangambé nem se preocupava em dar explicações sobre a origem do seu dinheiro. Aproveitava da melhor forma a riqueza que os deuses lhe proporcionaram. Sorriso não escapava naquele rosto que antes via-se apenas amargura. Todos meses, ele oferecia as melhores frutas e animais no seu grande “mestre”, velho Mambuco, que ficava feliz e lhe “abençoava” mais.

Um certo dia, Monangambé decidiu caminhar a pé até a casa do “mestre” com vários sacos na cabeça, onde tinha as ofertas. Tudo parecia normal naquele dia, quando de repente, no meio do caminho ouviu-se uma forte trovoadas, céu escureceu em clima de chuva imediatamente, fez um vento forte que deixou-lhe a visão turva. Monangambé procurava um abrigo para se esconder, mas só tinha árvores secas à sua volta. Ele acelerava os passos para chegar à casa do ancião Mambuco, se preocupava muito com a corda amarrada na sua cintura. O medo foi tomando conta de si. Monangambé preocupado, começou a correr mais rápido possível.

Do céu ouviu-se outros estrondos de trovoadas, logo bombardeou a grande chuva. Pobre Monangambé, já não tinha tanto fôlego para correr, a diabete deixara o seu corpo cansado. Ajoelhou-se e olhou no céu com o semblante de tristeza e arrependimento. Estava longe de chegar à casa do “mestre”, então, se rendeu no caminho, aceitou o seu terrível destino. O pobre homem estava pronto para pagar os seus pecados e ser engolido pela terra.

A chuva caía com muita intensidade, deixou molhado o corpo todo do homem que não tinha nada,

sem perdoar a corda vermelha que poderia salvar-lhe a vida, isso, se não molhasse. Repentinamente, sentiu uma estranheza, as forças começaram a sumir, as suas pernas começaram a ficar bambas, seu coração perdia o ritmo de aceleração, sentia uma dor insuportável na cabeça. A vida daquele homem que conheceu os segredos das trevas para se livrar da pobreza, ganhar os prazeres do mundo, ficara no caminho. Tudo que conquistara com a makumba sumiu como pó das cinzas. Monangambé morreu sem nada.

Deus jamais quis sofrimento de um filho seu. Deus não criou o sofrimento para Monangambé, Ele criou Monangambé para perfeição, para a vida feliz em um mundo de delícias. Não foi Deus que intencionou a morte para ele. Não foi Deus que programou o seu corpo para sofrer essas horríveis doenças. Nem para definhando com o tempo e se perder em fias rugas. Monangambé teve o destino que procurou. Na sua cruz foi escrito “O homem que não tinha nada” é assim que o povo da aldeia se lembra dele.

**Por: Adalberto Fábio**

## 8

### O CASO DA SARA DE BENGUELA

Todos os dias, Gualter conseguia recuperar energia e ânimo para ir ver o mar.

Todos os dias carregava consigo uma vida inteira de aventuras, amores e desamores, lembranças de coisas que preferia ter perdido na estrada da vida.

Todos os dias pensava que as ondas do mar quebrariam o seu ritmo mecânico, o seu pulsar para explicar a sua tristeza e que amanhã seria sempre outro dia.

Agradava-lhe a ideia de ter a certeza de tudo. A cada sétima onda uma seria mais pequena ou mais brava, o som mudava e a brisa aconchegava a sua necessidade de não pensar em mais nada.

Tudo mudou.

Um dia, igual aos outros, sendo que as ondas estavam iguais e os ventos serenos, mas tudo mudou.

Ao longe, na praia, viu uma jovem com um pe-

queno pau na mão, uma vara daquelas que encontramos na praia à primeira maré.

Marcava a areia ao ritmo do seu passo, fazendo um pequeno sulco húmido e inocente que desaparecia na próxima onda.

Decidiu aproximar-se e perguntar: — Bom dia. Posso saber o teu nome?

— Sim, podes saber o meu nome! — E riu e saiu a correr com a vara na mão e a riscar a areia húmida, divertida – Sim! Podes saber o meu nome!

Ela correu pela praia e perdeu-a de vista.

Levou a vara e o leve vestido de chita azul céu que usava até ao joelho, levou até a voz com que gritou: — “Sim, podes saber o meu nome!”

Foi para casa com um sentimento de culpa enorme. Sabia que já tinha visto aquela jovem e sabia que alguém, que só uma pessoa podia dizer-lhe o seu nome.

Não dormiu por motivos de angústia, mas também por motivos de ansiedade. Acordou cedo e foi ver o amanhecer da praia Morena.

Gualter estava na sua sala de estar e pequeno-almoço quando foi interrompido por um miúdo lá de casa que tinha vindo só para trazer uma carta fechada.

Tinha o hábito de comer cedo, coisa dele, logo ele que não gostava muito de ser perturbado, mas era rotineiro ou comum receber correspondência, bastante até, mas habitualmente por e-mail ou noutras horas que não fossem tão madrugadoras.

Esta carta despertou o humor deste jornalista de

nome Gualter, cavalheiro acostumado a receber pedidos de ajuda e de conselhos. Nunca negou nenhum deles. Fosse ajuda ou conselhos. Nunca negou por acreditar que a verdade é a verdade e a mentira, caros amigos, é a mentira.

Mas era uma carta e achou que devia ser de gente de bem. Já ninguém escreve cartas a ninguém.

Aceitou a carta e abriu-a. Um envelope simples e sem remetente.

Dizia a carta:

“Caro senhor,

Sei que o seu trabalho não é de polícia, mas pretendo encontrar em si a ajuda que tem sido negada por todos.

Peço a sua atenção a estas palavras. Passo a explicar:

Neste último cacimbo, frio e estranho, a nossa vida mudou.

Somos uma família bem acomodada e respeitada na cidade de Benguela. Temos negócios e propriedades, mas temos perdido capacidade financeira desde a morte do nosso pai por doença.

Um dia do mês passado, numa segunda-feira, a minha irmã de 18 anos de nome Sara saiu de casa para ir à faculdade, como todos os dias, tendo demorado, mas tudo dependia do táxi e da quantidade de gente.

Ela saiu.

A minha irmã não voltou mais para casa.

A notícia foi dada pela vizinha. A nossa irmã tinha sido encontrada morta junto a uma lixeira da cidade.

Sabemos por terceiros que ela tinha sido vista com um homem de posses daqui e que a terá convidado a viajar para Luanda ou Huambo, facto que não posso confirmar.

Temos como confirmar essa relação por testemunhas. Temos como confirmar a morte da nossa irmã por declaração de óbito e por termos sido nós a levá-la à terra funda e católica de onde nunca mais sairá.

Escrevo-lhe para perguntar se poderia ajudar-nos a responder à pergunta que, sem resposta, inibe a nossa vida de tranquilidade, de sossego. Pode ajudar-nos, senhor Gualter? Ajudar a quem não conhece e a quem de pouco o pode valer? Quem matou a nossa irmã? Porquê? Ficaré esta morte sem resposta?

Temos em nossa posse alguns dados que só confiamos a si.

Aguardamos resposta.

Atenciosamente,

C.

P.S. — Encontre a forma de contactar a mim ou à minha família.”

Gualter voltou à praia e não viu a jovem de vestido de chita azul de céu, não viu a vara que fazia um risco na areia. Não viu o culpado que bem sabia quem era. Não viu.

Assim morreu a Sara e a verdade do seu triste

destino. Morreu no silêncio das ondas do mar da praia  
Morena.

**Por: Victor Amorim Guerra**

## 9

### JÁ NÃO SOU O QUE FUI

O tom azul-escuro ainda dormia o ambiente, o dia demora a muito a clarear, mas ele não quer que clareie. São menos cinco para as cinco da manhã, ele não deveria estar aí, mas está, sentado, com os seus joelhos dobrados, naquela areia branca da ilha de Luanda que outrora fora motivo de regozijo. Está descalço, com os braços estendidos para frente, os seus cotovelos, pousando sobre a ponta dos joelhos, a cabeça inclinada para baixo, entre as pernas. Ele vive nos arredores. Perdera o sono e resolvera caminhar. Às vezes, ele quer voltar no tempo, outras vezes, somente poucas vezes, quer ser outra pessoa. Todo mundo parece ser mais feliz do que ele, parece fazer tudo certo, melhor que ele. O mar à sua frente está sereno, levemente se aproximando e beijando os seus pés. Está usando a sua camisa de mangas curtas preta, com calça jeans dobrada muito acima dos calcanhares. Eles estão falando, não, sussurrando para ele, e ele não quer ouvir, não mais, já não aguenta ouvir a sua mente, as vozes, as vozes da sua mente, estão sussurrando malevolamente nos meus ouvidos, estão pedindo-lhe para fazer coisas que ele acha que não deveria, ele realmente acha que não deveria, é errado, mas só que, às vezes, ele não sabe. Ultimamente não sabe nada, para

onde está a ir, o que faz com a sua vida, o que quer ou não quer para si.

— PAREM! — Ele só quer que as vozes parem, que a sua mente pare, que fique em silêncio, como ficava há meia década. Ele sabe que deveria aguentar, afinal está com vinte e cinco anos, mas já não aguenta, quer gritar por ajuda, mas...

— NÃO GRITE, TE CHAMARÃO DE FRACO!

Levou as mãos aos ouvidos. Apertou. “SILÊNCIO!” Ele suplica pelo silêncio. Mas eles continuam sussurrando, às vezes ele compreende correctamente o que eles querem que ele faça, outras vezes, não, eles só sussurram como um rádio velho sem sinal. Levantou, levou às mãos à cabeça.— Eles vão parar. — Marcou um passo para frente, o mar está se aproximando. Dois passos, agora ele vai caminhando até ao mar. A água está na sua cintura, mais dois passos, o seu pé está perdendo o contacto com o chão macio e seguro. Três passos. Ele está totalmente submerso. O Ar, ele está precisando de ar, mas lá é tão silencioso, talvez só mais um pouco. O seu corpo está gritando para sair, precisa de ar, mas a sua mente está tão confortável que ele não sabe o que fazer.

— Oi! — Ele acredita ter ouvido alguém chamando-o — Oi! — Sim, alguém está no lado de fora, por cima dele, ele consegue ver o vulto balançando na água, parece ser algo grande, talvez um barco, não, uma canoa — Olá! Você consegue ouvir-me? — É uma voz doce, de uma mulher. Levantou as mãos, e nadou, subindo, ele não se dera conta, entrara muito fundo.

O seu rosto emergiu. Ele a viu. O cabelo dela está molhado e é ligeiramente comprido, pousando so-

bre os seus ombros, mas a sua roupa, vestido branco, está seco. Ela tem pele negra como a noite sem estrelas, olhos verdes, verde-esmeralda.

— Aproxima-te! — Ordenou ela. Ele ainda está analisando. O seu leve vestido branco é de mangas compridas, cobrindo até as suas mãos. Está sentada no centro da comprida canoa de madeira castanho-claro — Não tenha medo, venha. — Ele nadou até ela, subiu na canoa, e viu a sua roupa secar em segundos, somente o seu cabelo está molhado, olhou à volta, está distante da margem, milhas de distância da margem, como ele chegará até aí? Voltou o rosto para ela, o seu vestido está cobrindo também os seus pés, estão frente a frente, se entreolhando e analisando.

— Por que você quis morrer? — Ele ainda está atônito, reparando nas suas mãos e corpo que estão secos, mas o cabelo ainda molhado.

— Quem é você? Qual é o teu nome? De onde você veio e por que eu estou seco? — Ela suspirou, como se ouvisse aquelas benditas palavras vezes sem conta.

— Bem, eu tenho tantos nomes, que não sei qual delas falar quando me fazem está pergunta. Do que você gostaria me chamar? — Brincou. Ele olhou para ela, analisando-a novamente. — Talvez Esmeralda! Porque os seus olhos... São lentes de contacto?

— Me trate por Kianda — disse ela.

— Por quê?

— Não faço a mínima ideia, Gabriel, talvez porque, não sei. — Gabriel arregalou os olhos, como ela sabe o seu nome?

— Você me falou o seu nome, certo? — Gabriel balançou negativamente a sua cabeça.

— Não, não falei, como você sabe o meu nome?

— Bem, acho que foi um chute. — Ele a olhou de soslaio, reparando depois para o ambiente ao seu lado. Tudo está tão diferente e igual ao mesmo tempo.

— Então, você não me respondeu. — Continuou Kianda — Por que quis morrer? — Ele olhou para o barco, não tem remos.

— De onde você apareceu? E como você guia, quer dizer, navega isso?

— É a minha vez de perguntar

— Eu não queria morrer, eu só... Queria um pouco de silêncio. — Kianda olhou para ele, ele entendeu.

— Por quê?

— Não sei. — O mar parara de se mover. Gabriel enfiou a cabeça entre as pernas, olhando o fundo da canoa. — Na verdade não sei o porquê, só sei que ultimamente eu tenho estado tão em baixo, tenho dormido pouco, ou quase não durmo. Eu acho que é o crescimento.

— Vinte e cinco anos, já é alguma coisa. — Gabriel olhou para ela, curioso. — O que foi? — Ele não se lembra também de ter dito a sua idade. Talvez ela não seja humana, e isto tudo não seja real. Não importa, ele deu de ombros. É bom falar com alguém que parece nos entender.

— Não sei como permiti as coisas chegarem

até esse ponto, mas às vezes parece que sou eu contra o mundo, e deixa que te diga, a vitória parece ser algo improvável. — Kianda olhou para o alto. Isso fê-lo olhar também, o céu está monótono, como se de certo modo congelasse, ou fosse uma fotografia, as nuvens estão lá, pequenas estrelas que ainda espreitavam o nosso mundo estão lá, mas não parece real. Já deveria ter clareado.

— Gabriel, eu acho que isto é a bendita crise dos vinte. — Gabriel voltou o rosto para ela — Estamos saindo de uma fase em que tudo ou quase tudo é obrigação dos pais, e entrarmos numa, em que temos que tomar as rédeas das nossas vidas. Em que somos obrigados a dar o que a sociedade cobra.

“Talvez seja isso”, pensou ele.

— Mas isso não é o problema, o problema, é que às vezes fantasiemos demasiado as coisas, criamos demasiadas expectativas. Talvez a culpa não seja nossa, talvez simplesmente nos deixamos levar pelas regras que dita o mundo, alguém decidiu que temos que seguir um roteiro, estudar, trabalhar, casar, ter filhos, viver feliz para sempre e depois, morrer. Talvez, alguém devesse ter-nos avisado que as coisas poderiam não ter saído como planejamos, que mesmo depois de concluirmos com êxito, poderíamos nunca ter um emprego, mesmo depois de nos resguardamos, poderíamos não ter uma boa parceira, mesmo depois de trabalharmos, poderíamos não conseguir pagar as contas e viver sempre no vermelho. Talvez seja isso que falte, que as pessoas sejam positivas, mas não ingénuas, realista.

— Seria engraçado um professor falar no estudante: estude e se esforce, mas nada garante que você consiga um trabalho melhor que o mais cabulador da

sala — Os dois riram. — E isso é mentira? — Indagou ela.

— Não, mas...

— Você não acha que se falássemos mais a verdade, como realmente o mundo funciona, você não se sentiria inútil por ter duas décadas e meia e não ter nada, literalmente, teu? Você não acha que deste modo você se compararia menos com os menores que já são milionários? E que entenderias que cada um tem o seu tempo e que é possível que você não vença mesmo se fizer tudo certo? — Ela sorriu — O lado mau da vida, talvez um dos lados maus da vida, é que queremos ser bem-sucedido com base ao que os outros acham ser bem-sucedido, se você desejar ter uma casinha na praia com cachorro e um bastardo, aparecerá alguém que te dirá, você precisa ser bem-sucedido, ter um apartamento na cidade e cinco milhões na conta. E o que você fará? Lutará como um doido para ter isso, nunca te contentarás com nada porque você quer ser bem-sucedido.

— Acho que eu estava a tentar bancar um adolescente... Só não sei como deixei as coisas chegarem até esse ponto.

— De ouvir vozes? — Ele olhou para ela, incrédulo, corou de vergonha — A mente humana é surpreendente... Você não consegue imaginar o que você pode fazer a si e aos outros quando consegue domar alguns dos seus segredos. Você não consegue imaginar o número de pessoas que são marionetes de outras pessoas. — Gabriel está cabisbaixo, olhando para as próprias mãos. — E por outra, por que as pessoas acham que a morte resolve tudo? Que é o fim da dor, da vida ou seja, mais o quê?

— Talvez porque ninguém voltou de lá para falar o contrário.

— Se eu te dissesse o contrário, acreditarias em mim? — Não, não na totalidade, você não veio do mundo dos mortos, ou veio? — Perguntou ele.

— E por que alguém tealaria que veio do mundo dos mortos, se você não acreditaria nele. — Gabriel não sabe o que responder. — As pessoas optam pelo suicídio.

— Eu não queria suicidar-me — frisou Gabriel.

— Acho que não, por ser o caminho mais fácil. Difícil é você ficar e enfrentar o que te atormenta, é você ficar, e lutar por uma vida que de certo modo, você o conquistou. Ficar e lutar para encontrar o seu caminho, mesmo que o sucesso nunca venha e mesmo que você morra no final depois de lutar e levantar mil vezes, ficar, é sempre a melhor opção. Sem falar que suicídio é um acto egoísta, quando vivemos com pessoas que se importam connosco, a nossa vida, já não se torna um assunto somente nosso, mas sim nosso. — Ela sorriu — Você entendeu o que eu quis dizer? — Ele balançou a cabeça. — Então, eu sempre digo às pessoas. Sempre que surgir um pensamento ruim, lembre-se sempre, tenho mais um pôr-do-sol para ver, mais uma chuva para apanhar, mais um riso para dar, e até mais uma lágrima para derramar. — Kianda olhou para o fundo dos olhos tímidos dele. — Eu não deveria, mas só por curiosidade, gostaria de saber, depois de tudo que falámos, você quer voltar para o silêncio da água, ou para o barulho do mundo, onde nada é garantido e que tudo pode piorar vezes sem conta?

— Eu... — Gabriel entrelaçou as mãos por

segundos intermináveis. Levantou, de costas para ela, olhou a margem e pensou sobre todas as vezes que ele convivera com os amigos, de todas as vezes que mergulhara e se sentira vivo, agradecido por ter vencido a corrida dos espermatozóides. Ele consegue visualizar os amigos, colegas, professores, vizinhos, todos em volta a orla marítima, descalços, com as suas pernas molhando pelo movimento da água, olhando para ele. Virou o corpo para ela. — Eu quero voltar para terra e lutar mais uma vez.

— Oh! — Ela sorriu triste — Por isso eu não deveria ter perguntado. — Olhou para os pés calçados do Gabriel, levantou, ficando na sua altura, ele olhou para o rosto dela, até perceber que a canoa sumira, e eles estão por cima da água sentindo os pés firmes como se estivesse pisando uma rocha. Ela se aproximou, parou ao seu lado, levou a sua mão para o ombro direito dele. E com a sua mão direita, indicou o fundo do mar, Gabriel não entendeu, apertou os olhos para ver com nitidez, o ambiente está finalmente clareando. O céu azul-escuro, deu lugar ao céu azul-claro, com gordas nuvens brancas. Ele olhou com esforço, finalmente conseguiu ver, alguém está boiando no fundo do mar, com os braços abertos.

— Quem é você? — Perguntou Gabriel, com voz embargada, olhou para Kianda, o seu vestido está brilhando como se produzisse luz própria.

— Eu sou conhecido por vários nomes. Na verdade, eu não sei qual é o meu nome, só sei que, eu levo todas as almas que se perdem nesta parte do mundo, para o outro lado. — Gabriel voltou o rosto para o homem no interior do mar, sorriu. — Eu sinto muito, aí está você, você já estava morto, muito antes de subir

na minha canoa. — Ela indicou o horizonte, uma luz branca como pôr-do-sol surgiu a poucas milhas dele, Gabriel entendeu, então abraçou a moça e começou a caminhar sobre a água, pensando em todas as coisas que faria se tivesse uma segunda oportunidade. Parou diante da luz, olhou para trás, ela sumiu, pensou em ficar aí, talvez houvesse outro jeito de continuar vivo, ou algo parecido, mas tudo ao redor está sumindo. Então, com os olhos fechados, entrou no centro da luz branca. Está tudo escuro. Sentiu areia tocando na sua cara, abriu os olhos, está deitado na areia, uma pequena bola parada perto do seu rosto e um menino olhando para ele curioso.

**Por: Garcia Mbongo Nathan**

# 10

## O EPICENTRO DA LIBERDADE

Na mata, os soldados portugueses inspeccionavam os criados, conferiam se às tarefas estavam a ser cumpridas na sua íntegra. Os escravos exaustos trabalhavam sem cessar, banhados pelo suor, resultado do escaldante sol da tarde, dia após dia. Os calos endureciam às mãos mortas daqueles homens. A noite era o único consolo dos oprimidos, nela podiam desfrutar de um repouso diminuto ao lado de seus familiares depois de muito trabalhar.

— Seus Merdas! O que fazem parados? — Indagou o homem branco.

— Estávamos a descansar um pouco — Respondeu Mafuta, um dos mancebos.

O homem de estrutura robusta arremessou uma pedra em direcção a cabeça de Mafuta que num rápido movimento conseguiu se desviar, todos que estavam sentados voltaram aos postos de trabalho o mais breve possível.

— És sempre o mais reflão Mafuta, por conta disto hoje não terás nada para comer! — Disse o soldado.

A distância, Samaleco assistia ao drama, aquele maltrato já o agoniava, fitou com fúria o inimigo e o seu ódio triplicou, quis intervir, mas sabia que não era o momento ideal.

“Não tarda seremos livres! Os nossos irmãos vêm salvar-nos”, pensou.

Eram no total trezentos e sessenta e quatro homens que faziam escavações numa zona muito rica em minerais, dentre eles, o diamante era o mais abundante, este depois de lapidado, poderia ser comercializado a um preço exuberante.

\*\*\*

Kibala, em companhia da sua comitiva, preparavam a grande investida, o derradeiro golpe que há muito tempo se aguardava teria por fim o seu princípio. Nada podia parar a força de vontade daquele povo que uniu-se para recuperar a sua terra natal que lhes foi roubada há mais de quatrocentos e cinquenta anos.

— Vamos pôr fim ao domínio dos tugas sobre nossas terras! Os nossos pais, filhos e mulheres sofrem nas garras do maligno há séculos — discursava Kibala o líder do esquadrão.

Na sua mão direita carregava o armamento por todos escolhidos, um objecto extremamente afiado e pontiagudo, com grande espessura e difícil de se manejar, era uma espécie de espada, mas devido a forma curva, foi-lhe atribuído o nome de catana.

— Eles derramaram o sangue dos inocentes, destruíram famílias, afogaram nossos sonhos — continuou.

Os olhos dos guerrilheiros humedeceram-se, às mulheres ali presentes choravam ao lembrar de seus irmãos defuntos. Kibala olhou para a população desconsolada, sentiu a incerteza instalar-se naquele local e de súbito correu até a um grande monte de argila. Posto no cimo, fez uma pequena talha no polegar com a catana, à população nada percebeu, uns franziam as sobrancelhas, outros enrugavam os rostos, outros ainda pensavam que o homem estivesse endemoniado, quiçá a delirar.

— Não se atribulem meus camaradas, hoje faremos um pacto, o pacto das nossas vidas! Essa aliança durará para a vida toda. Quero que cada um corte uma pequena porção do seu polegar. Em seguida, desenhem uma cruz nos vossos corações com o sangue, dessa forma estaremos a invocar a presença dos nossos ancestrais e esse acto aumentará o nosso pulunguzo.

Todos assim o fizeram, os guerrilheiros sabiam das capacidades do líder. O rosto enrugado de Kibala fechou-se quando tais palavras saltaram de sua boca, tinha a certeza de que sairiam vitoriosos e caso não, pelo menos poderiam aproveitar o sono da eternidade tranquilos, convictos de que às futuras gerações dariam continuidade na tão almejada tarefa, em busca de uma liberdade há muito desejada.

Aquela noite foi longa para todos, os pensamentos estavam distorcidos, a descrença pairava sobre os miolos do povo.

Vunda segurou firme o braço de Minguíta, durante o jantar não pronunciou palavra alguma, era como

se a fala não lhe fosse oferecida. A mulher assustada com a reacção do marido indagou:

— O que temes?

— Eu amo-te muito — declarou Vunda. — Se a nossa separação estiver próxima saiba que sempre fui feliz ao teu lado — disse o homem suando.

— Não fales de morte, tudo vai correr bem. És um guerreiro valente e muito talentoso. O general Kibala vai liderar o povo até a vitória, além disso, os nossos antepassados nos protegerão de qualquer perigo — Minguita amenizou o momento.

Depois de jantar, o cônjuge dirigiu-se ao quarto, naquela noite Minguita se prostituiu como nunca tivera feito. Vunda recebeu o maior prazer de sua vida, nunca sentiu tanta ternura por parte da mulher. Dormiram cansados e saciados.

Na tarde do dia seguinte, o som dos batiques indicava o início da formação militar. Os homens passaram a manhã preparando às armas, enquanto isso, os mantimentos foram confeccionados pelas musas negras de carapinhas duras.

Na penumbra da noite, os combatentes foram despedir-se dos familiares, era chegada a hora da grande empreitada.

Os filhos jaziam de dor vendo os pais partirem na dúvida do retorno, em busca de um bem comum, a procura da liberdade plena. Às mulheres se despediam dos esposos com grande dor na alma, umas carregavam os bebês ainda sugando o milagroso leite maternal nos seus seios, outras concebidas ainda, invocavam os deuses tradicionais para a protecção de seus amados.

Vunda beijou calorosamente Minguita que se encontrava em grande instabilidade emocional, embora soubesse que o marido tinha a capacidade de se desdobrar na guerra, ainda assim o seu coração não deixava de apertar. Sabia que os inimigos além de serem numerosos, possuíam armas letais, capaz de matar um homem num só golpe em segundos.

— Eu voltarei meu amor — disse Vunda, lacrimejando. — Cuida bem de ti e do fruto do nosso amor — Segurou firmemente a barriga de Minguita.

Ela por sua vez, derramava um enorme jacto de lágrimas no peito do seu grande amor. Inalava o cheiro de seu querido com muito fervor, deixá-lo partir era muito difícil.

Kibala ordenou então a partida dos soldados. Os ficantes choravam aos prantos, os guerrilheiros desatimados adentraram os densos arbustos com cede de vitória, e, lentamente foram desaparecendo no esverdear da mata.

\*\*\*

— Ouviste aquilo, Mafuta?! — Perguntou Samaleco, assustado.

Encontravam-se a dormir entre às raízes da mulemba. Ao ouvir o disparo de uma arma, Samaleco levantou desnorreado.

— Ouvir o quê? — Levantou Mafuta carregando o sono nos ombros.

Samaleco correu em direcção ao quartel que estava escondido entre os grandes cajueiros e ficou maravilhado com a revelação.

— A invasão começou Mafuta! Chama todos e junto dos nossos compatriotas lutaremos para nos impormos a monarquia dos tugas! — Concluiu

Mafuta andou com passos largos e sem questionar alertou a todos sobre o que estava a se passar.

Os trezentos e sessenta e quatro homens negros em prontidão retiraram as catanas do esconderijo. Tinham-nas escondido debaixo do alçapão, à nordeste da mata. Quando anoitecia, eles reuniam-se e treinavam, cumpriam com o plano traçado por kibala, diariamente às suas habilidades aumentavam e era chegada a hora de testar os reflexos aprimorados.

— Filho da Puta! Como é que não nos apercebemos? — Praguejava o comandante dos colonizadores naquela zona, homem de estatura baixa e pele engelhada devido a idade.

— É demasiado tarde para lamentações comandante, os escravos penetraram o território todo, estamos cercados — opinou o subchefe.

— Mandem toda a patrulha exterminar os arrua-ceiros! — Ordenou desesperado o comandante com as mãos entre os cabelos grisalhos.

— Sim senhor!

Em seguida um aglomerado de homens fardados carregando armas de fogo colocaram-se em frente à esquadra.

A equipa de Kibala libertou os prisioneiros. Depois de reunir num local seguro às mulheres, crianças e idosos, os restantes dos reclusos agruparam-se junto dos comparsas e formaram um enorme exército.

Agora, cara a cara o grande combate teria o seu início. Ninguém estava relutante, os oprimidos se encontravam munidos de extrema coragem.

Ao som de um assobio o combate começou. Inúmeras vidas ceifaram naquele terreno, durante o combate Mafuta foi atingido por um tiro e tombou nos braços de Samaleco.

— Meu amigo! Não podes morrer agora — Implorava Samaleco pela vida do companheiro.

— Eu vou morrer feliz — Mafuta segurou os braços de Samaleco. — A independência está próxima — Deu o último suspiro e faleceu.

Samaleco inconformado derrubou dez homens, viu-se obrigado a honrar a memória do amigo. Kibala e seus marujos venceram o primeiro de muitos combates. Aquela zona foi coroada como local histórico.

Depois da batalha, os reclusos vestidos pelo espírito de coragem e determinação seguiram marcha à frente. Nada mais os importava a não ser a repatriação de suas terras.

**Por: Ecleu Ambrósio**

# 11

## OS HABITANTES DO ALÉM

Numa manhã de Sábado, os habitantes de Mazolele estavam a levar a sua vida como normalmente faziam. Uns iam ao mercado comprar o que lhes faltava, outros iam vender, as responsáveis dos lares cuidavam dos seus afazeres e tudo ia muito bem. Todos tinham uma ocupação, contribuindo assim para o desenvolvimento da aldeia. Era notável a alegria daquele povo. Apesar dos constantes ataques, não tiravam o sorriso do rosto.

Jovita, irmã de Formosa, passou a noite na lavra, para adiantar o processo de colheita. Sua lavra ficava muito fora das localidades, quase na fronteira com uma das aldeias vizinhas. Era tempo de muito tomate e se demorasse mais alguns dias, perderia completamente toda a plantação. Enquanto trabalhava, Jovita pode ouvir uma conversa de alguns guerreiros da aldeia do Norte que atravessaram a fronteira para roubar comida nas lavras dos habitantes de Mazolele.

— Vamos tirar tudo quanto podermos, dentro

em breve esta aldeia será nossa. – Disse um dos guerreiros.

— Por que é que dizes isso? – Perguntou o outro.

— O Trinca e a sua tropa estão a se preparar para atacar Mazolele. Acredito que hoje mesmo atravessam a fronteira.

Depois que eles se foram, Jovita resolveu sair dali a correr, passou pela casa do rei e contou tudo o que ouviu. Depois de falar com o rei, correu num tiro até a casa.

— Ó mana Formosa, arruma tudo e vamos! Chame as crianças. – A forma como Jovita corria, indicava algum perigo.

— O que é que se passa? – Perguntou Formosa, assustada.

Antes de a irmã responder, ouviu-se o som forte dos batuques que eram tocados pelos guerreiros vigilantes, como sinal de alarme para despertar a população quando houvesse indícios de ataque dos guerreiros do Norte ou de outras regiões.

— Makuntima! Makuntima! – Formosa chamava pelo filho mais velho que amava futebol e histórias do velho Makaya, seu avô.

— Mamã! Estou aqui, mamã.

— Onde é que está a Nzola? Vai buscar a tua irmã, rápido! – Ordenou.

Makuntima saiu aos passos largos caçar a mana. Dois minutos depois, estava de volta com a irmã que

não estava nada contente por terem-lhe interrompido enquanto brincava com as amigas.

— Makuntima vão no vosso quarto e arrumem as vossas roupas e calçados, amarrem tudo num embrulho de pano e vamos!

Enquanto Formosa falava, recolhia tudo que fosse possível para a viagem ao desconhecido que lhes reservava um futuro incerto.

— Jovita! O pai está onde?

— Desde que saiu para ir tomar banho no rio, ainda não voltou.

— Como assim, ainda não voltou? – Gritou afflita com a irmã. – O pai não pode ficar. Pai! Oh pai? – Formosa saiu de casa chamando pelo pai.

— Tenha lá calma, pah! Estou aqui no quarto a espera que acabem de arrumar as coisas para sairmos.

Ao ouvir a voz do pai no interior da casa, Formosa sentiu o peso da viagem a desaparecer instantaneamente. Já não tinha mãe, a simples ideia de ficar também sem o pai, assustava-lhe. Suspirou de alívio, quando estava para entrar, reparou que os habitantes da aldeia já estavam prontos para partir e que muitos já haviam abandonado as suas casas, outros pertences e até mesmo familiares que não tinham condições de fugir a guerra que se aproximava a passos galopantes.

— Avó Matondo não fica! – Formosa começou a chorar, ao ver que muitas daquelas pessoas que foram deixadas para trás fazem parte da sua história, é a sua gente, pessoas com quem conviveu muito e com quem teve muitos momentos bons. – Papá Afonso não fica! –

Chorou copiosamente Formosa.

— Minha filha, com este pé inflamado, como é que vou fugir? — Perguntou o mais velho com um sorriso triste. — Nós já vivemos o bastante, fujam enquanto há tempo. Toma, leva estes cigarros e o tabaco que está ali a secar, hão-de precisar.

Diante daquelas palavras, Formosa sentiu o peito a doer. Então foi para o seu quintal, tirou a carroça que têm usado para levar os produtos do campo para o mercado e foi em algumas casas recolher as pessoas que não podiam fugir por incapacidade. Alguns vizinhos ao verem tal atitude, fizeram o mesmo, esvaziando completamente a aldeia. Felizmente ninguém foi deixado para trás.

Os guerreiros Nkanu que defendiam a aldeia sob o comando do rei Kanda, tomaram as suas posições fora da aldeia. Mazolele era uma aldeia muito rica em água, devido aos vários rios que tinha, terras aráveis e vários recursos minerais. Era uma aldeia muito grande e a sua população era trabalhadora. As riquezas de Mazolele faziam inveja aos reis das aldeias vizinhas, atiçando assim a sua cobiça.

Os guerreiros Menga da região norte, comandados pelo seu chefe de guerra, o impiedoso Trinca, estavam em direcção à aldeia Mazolele para atacar, matar os seus guerreiros e tomar posse da mesma. Mas a defensiva do rei Kanda era tão forte, pois tinham material de guerra moderno e contava com o apoio dos guerreiros do sul, os famosos Trovoadas.

Enquanto os guerreiros preparavam-se para mais uma batalha, a população refugiou-se nas matas. Outros tiveram a sorte de serem recebidos por familiares

que viviam em aldeias vizinhas, mas outros tiveram que ficar mesmo nas matas.

Formosa e sua família tiveram que fugir nas matas, porque não tinham outro lugar para irem. É noite e o perigo espreita, trazendo com ele um frio gelado de rachar os lábios.

— Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee! Kio-  
jieeeeeeeeeee! – Ouviu-se uma voz lá longe.

— Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee! Kio-  
jieeeeeeeeeee! – Responderam várias outras.

— Quem são aqueles, avô? – Perguntou Makuntima, sentindo um arrepio a percorrer-lhe a espinha. De tanto medo, abraçou a sua mãe tão forte, como se quisesse voltar para o seu ventre.

— São os seres da noite. – Respondeu velho Afonso.

— Quem são os seres da noite, avô Afonso? – Perguntou o menino quase morrendo de medo.

— Xiiiiuuuu! Silêncio! – Ordenou avô Makaya, pai de Formosa e Jovita.

Fez-se um silêncio aterrorizador, mas o vento soprava forte, assobiando algumas canções geladas. Os donos da noite, aqueles que habitavam no além, resolveram fazer sentir a sua presença.

— Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee!

— Nzalaeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee! — Ouviu-se uma voz muito mais perto.

— Eeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeee!

— Nzalaecccccccccccccccccc! – Responderam todos outros.

— Mamã! – Gritaram de medo todas as crianças.

— Pai! – Gritaram Formosa e Jovita assustadíssimas. Os outros jovens não conseguiam esconder o seu medo.

Avô Makaya, num gesto calmo e confiante, tirou o seu cigarro do bolso, acendeu e começou a fumar. Enquanto fumava, dizia: — Por favor, não nos façam mal, nós não queremos morrer, pois a nossa aldeia está em guerra. Precisamos nos esconder aqui.

Avó Matondo pegou no seu charuto, acendeu e começou a fumar também. Já papá Afonso, pegou em algumas folhas de tabaco e acendeu, fazendo uma fumaça mais forte. Para os seres da noite, o cheiro do fumo de cigarro era muito incómodo. Todos os outros mais velhos do grupo, pegaram em alguma coisa segundo as suas crenças e usaram para afastarem tais seres que todos podiam ouvir e nunca ver.

— Kioji (frio)! Nzala (fome)! – O grupo de refugiados os ouviram, mas bem distante, devido ao forte cheiro de cigarro.

— Quem são estes, pai? – Perguntou Formosa que não parava de tremer de medo. – Vamos sair daqui, eu não quero e não vou ficar aqui. – Continuou.

— Acalma-te, filha, eles são os habitantes do além.

— Além? Eu nunca ouvi falar deles.

— É normal que nunca tenhas ouvido falar deles, porque nunca te contamos. Mas eles existem e estão bem perto.

— Não seria melhor sairmos daqui? — Perguntaram assustados os outros jovens que constituíam o grupo de refugiados.

— Fiquem calmos — disse avó Matondo —, estes senhores podem ser úteis para nós. Estamos a fugir uma guerra que não sabemos como nem quando termina. Prestem atenção no que eles dizem, só reclamam de fome e frio. Pelo número de pessoas que somos, para onde iremos? Quem irá nos receber?

— Jovens, estes seres, são pessoas que morreram antes do tempo por causa de vinganças e guerras e só circulam a noite. Não gostam nada de serem incomodados. — Disse avó Makaya.

— Pai, que conversa é esta? — Perguntou Jovita que pouco falava.

— É verdade, filha. Eles vagueiam pelo mundo por terem partido antes do tempo. Vamos ser práticos. Rapazes preparem lenha suficiente e acendam várias fogueiras. Já as meninas, vão preparar comida suficiente para nós e para eles. Para eles, sirvam em algumas folhas grandes e coloquem próximo às fogueiras.

— Pai, eu agora virei cozinheira de fantasma? Me poupe! — Resmungou Formosa.

— Fique quieta e me obedeça. Se quisermos sobreviver, temos que continuar aqui e criarmos um modo de todos coabitarmos em paz. Estas matas não têm boa fama, te garanto que nenhum guerreiro passará perto daqui. — Avó Makaya continuou dando as instruções,

em função da experiência que tinha e da situação que estavam a viver.

Na medida em que o tempo passava, a convivência com os seres da noite ficava mais fácil. O que eles pediam os jovens davam e ninguém invadia o espaço do outro até a guerra acabar, três meses depois.

Com o fim da guerra, num gesto de agradecimento, os jovens prepararam bastante comida e acenderam várias fogueiras com bastante lenha para os seres da noite.

— Tutondele (obrigado)! – Ouviu-se eles a agradecerem. Depois do agradecimento, soprou um vento forte e das árvores que ali havia, caíram muitas e variadíssimas frutas. Era a forma que os seres da noite tinham para agradecer a fogueira e a comida quentinha.

Os jovens recolheram todas as frutas quanto puderam e regressaram para Mazolele, sua aldeia.

Pela bravura e perspicácia do rei e dos seus guerreiros, a guerra decorreu praticamente na fronteira, evitando que os guerreiros do norte entrassem e destruíssem Mazolele.

Todos regressaram para as suas casas, suas vidas e organizaram uma festança para celebrar a vitória do rei Kanda, dos guerreiros Nkanu e Trovoadas

**Por: Inocência Adolfo**

# 12

## TIGRES AZUIS E O REINO LUENZI

— Amanhã será o dia em que tu te tornarás homem meu filho! — Disse entusiasmado o chefe dos caçadores para o seu filho Nzola, enquanto preparavam-se para partir.

Nzola preocupado, não conseguiu dizer nada. Despediram-se então do povo e deram início a caminhada. Enquanto caminhavam, Nzola olhou para trás e avistou a linda princesa Tchessy que o havia escolhido para ser seu prospectivo cônjuge. Tchessy olhava fixamente para Nzola esperançosa de que ele voltaria como um homem, pronto para casar. Trocaram olhares profundos, até que, por conta das árvores e longos capins, já não era possível enxergarem um ao outro.

No reino Luenzi apenas as mulheres tinham o privilégio de governar e as da classe nobre podiam escolher seus maridos. Nzola foi o sortudo escolhido por Tchessy, ele destacava-se dentre os jovens pois era dotado de inteligência e belo de aparência.

Havia uma tradição que o povo daquele reino seguia há anos: quando um jovem estivesse perto de completar dezoito anos, teria de ser levado às florestas adormecidas pelos caçadores, posto lá o jovem tinha de matar um tigre azul. Somente após matar um tigre azul é que a pessoa era considerada um homem. Apenas os considerados homens podiam servir como caçadores, contrair o matrimónio e gozar de outras regalias; por outro lado, quem não fosse capaz de matar um tigre azul não tinha os mesmos direitos, pois não era considerado um homem.

Era a vez de Nzola tornar-se homem, junto com ele ia Lufuankenda, seu melhor amigo, que também completaria dezoito anos e tinha de tornar-se homem.

— Preparado para o grande dia? - Perguntou Lufuankenda após dar um leve tapa nos ombros de Nzola.

— Não sei se vou conseguir fazer isso! — Exclamou Nzola.

— És inteligente e forte. É claro que conseguirás!

— Não me agrada a ideia de matar um tigre azul para que as pessoas me considerem homem.

— Mas Nzola é a nossa tradição!

— E se eu mudasse essa tradição?

— Mas você não pode, o nosso povo tem a seguido por séculos. O teu pai está muito orgulhoso de ti e ainda nem mataste um felino. Como é que ele vai se sentir ao saber do modo como pensas?

— Eu não quero decepcionar o meu pai, mas também não quero matar um tigre azul.

— Você terá de matar, isso está além das suas vontades.

Continuaram a viagem até que escureceu e decidiram descansar. Durante a noite, Nzola não conseguiu dormir pois, estava muito preocupado, ele via-se entre a espada e a parede. Tinha de decidir se mataria um tigre azul para tornar-se homem, ter a mulher dos seus sonhos e deixar seu pai orgulhoso ou não matar para tentar mudar a tradição, mas sem saber se teria sucesso nisso. Fez-se manhã e o tão aguardado dia bateu a porta. Aprontaram todas as suas coisas e caminharam até perto de onde os tigres azuis haviam-se instalado. Separaram-se em dois grupos, Nzola ficou num deles e Lufuankenda ficou com o outro. Montaram as suas armadilhas e só restava esperar. Passado algum tempo, ouviu-se um barulho de onde estava a armadilha de Lufuankenda. Nzola e os que estavam com ele chegaram a pensarem que Lufuankenda já havia apanhado um tigre azul, entre tanto, vinha um tigre azul correndo em direcção a armadilha de Nzola, e antes mesmo do animal perceber o perigo, ficou preso por entre as cordas da armadilha.

Aproximaram-se do animal e o chefe dos caçadores entregou seu punhal a Nzola.

— É agora meu filho! — Exclamou ele.

Nzola aproximou-se ainda mais do animal com o punhal de seu pai na mão. Ficou observando o animal que se mexia com toda força, tentando se libertar. Nzola sentia a aflição do animal e simplesmente não conseguia matá-lo, apenas ficou petrificado, olhando para o animal. Naquele instante, apareceu Lufuankenda e outros

caçadores.

— Onde está o tigre azul que você matou? —  
Perguntou o chefe dos caçadores a Lufuankenda.

— Ele escapou senhor.

— Vamos deixar que Nzola mate este, depois te ajudaremos a fazer outra armadilha.

Mas o tempo estava passando e Nzola não fazia nada além de apenas olhar o animal.

— Por que não o matas, meu filho?

— Eu não consigo pai!

— É claro que você consegue filho. É só cravar o punhal no peito dele.

— Desculpa pai, mas eu não vou fazer isso. Os tigres azuis não merecem isso.

— Não quer se tornar homem? Não quer casar com a princesa? Você tem que matar o animal Nzola! —  
Ordenou seu pai com tom de voz muito alterado.

Enquanto falavam, os nós das cordas estavam prestes a se desfazer de tanto esforço que o animal fazia para se soltar. Ao ver isso, Lufuankenda pegou em sua lança, correu na direção do tigre azul e cravou-lhe a lança no peito. O animal pereceu na hora. Nzola furioso empurrou Lufuankenda e começou a esbofeteá-lo. Os caçadores separaram-lhes de imediato.

— Por que você fez isso desgraçado? Sabe que eu não quis que ele fosse morto. — Gritou Nzola enquanto tentava sair das mãos dos caçadores.

— Você é um fraco! O animal tinha que morrer!

— Calem as bocas! Arrumem as coisas e vamos embora. — Disse furioso, o chefe dos caçadores. Ele percebeu que seu filho não mataria um tigre azul, não se tornaria homem.

Arrumaram as coisas e regressaram ao reino. No reino Luenzi, todos estavam ansiosos para verem os dois novos homens chegaram, por conseguinte, entre a densa mata começaram a aparecer os caçadores. A princesa ficava observando de longe para contemplar a chegada do seu amado. Nzola apareceu, mas sem um tigre azul entre os ombros, assim que seus olhos encontraram os de Tchessy, ele ficou envergonhado e baixou a cabeça. Naquele instante, por entre a densa mata saiu Lufuankenda com o animal entre os ombros. Muitos felicitaram Lufuankenda, mas ficaram tristes e até indignados com Nzola.

Compareceram perante a rainha, todos os envolvidos na viagem, para dar um relatório a respeito da mesma.

— Apenas Lufuankenda conseguiu matar um tigre azul. — Disse o chefe dos caçadores com ar meio entristecido.

— Meus parabéns Lufuankenda, agora você é um homem e serás muito útil ao nosso reino. E quanto a ti, Nzola, sei que Tchessy te escolheu como futuro marido mas não te tornaste um homem, portanto não casarás com a princesa. Darei a princesa como esposa para Lufuankenda. — Explanou a rainha.

— Mas mãe... — retrucou Tchessy.

— Não pedi a tua opinião princesa, eu já tomei

a minha decisão. E nesse momento estou agindo como rainha e não como mãe.

— Sua majestade — interrompeu Nzola — na verdade, o animal que Lufuankenda matou foi apanhado na minha armadilha.

— É verdade Lufuankenda? — Perguntou a rainha.

— Sim minha rainha! Mas...

— Nem mais. O Nzola teria matado o animal.

— Na verdade não teria matado o animal. Eu o deixaria escapar. — Disse Nzola para rainha.

— O quê? Você desonraria as nossas tradições?

— Perguntou a rainha furiosa e indignada.

— Não minha rainha, não tinha nenhum interesse em desrespeitar as nossas tradições. Mas com todo respeito, minha senhora, não acho sábio da nossa parte achar que matar tigres azuis seja a condição necessária para alguém tornar-se homem.

— Olha para o teu pai, ele é chefe dos caçadores e treinou-te desde pequeno para ser um bom caçador quando te tornasses homem. E agora você é contra matar um animal?

— Não sou contra matar animais que nos servem de alimento, mas nós não nos alimentamos da carne dos tigres azuis, nós os matamos apenas para que alguém seja considerado homem. Que honra há nisso?

— Achas mesmo que vais mudar as nossas tradições com esse argumento? — Perguntou Lufuankenda,

debochando de Nzola.

— Deixe-me terminar — Prosseguiu Nzola. — Fiz algumas pesquisas a respeito dos tigres azuis e descobri que eles nunca atacaram o nosso povo e sempre foram considerados os seres vivos mais fortes da selva. Mas o homem, por causa do seu desejo ardente por poder e por querer afincadamente ser o mais forte, deu início a essa tradição. Minha rainha resta poucos tigres azuis, eles estão em via de extinção. Agora lhe pergunto minha senhora, assim que os tigres azuis deixarem de existir, como os futuros jovens do nosso reino provarão ser homens aos dezoito anos?

Muitos dos caçadores ali presentes ficaram encabulados com o argumento de Nzola e começaram a murmurar entre eles. A rainha por sua vez não se agradou nem um pouco com aquilo.

— Você está errado. Eles são ferozes, por vários anos eles atacaram o nosso povo, devoravam tudo que se mexia. O nosso povo lutou até vencer e foi a partir daí que deu-se início a essa tradição. E se eles acabarem encontraremos outro animal para matar. Todo jovem do meu reino deve ser corajoso e forte o suficiente para matar um animal feroz.

— Não pode ser verdade o que a senhora disse a respeito dos tigres azuis.

— Ousas duvidar da tua rainha? Ou pior, estás a insinuar que estou mentindo? – Disse furiosa a rainha.

— Por favor, me perdoe minha rainha. Não quis ofende-la.

Nzola sabia que a rainha mentia quanto aos tigres azuis, mas percebeu que continuar refutando o

argumento da rainha não mudaria nada e ainda poria sua própria vida em perigo. Para rainha, seria sinal de fraqueza e até mesmo desrespeitoso para seus antepassados pôr termo aquela tradição por causa do que um jovem que nem sequer tornou-se homem argumentou. E o povo podia revoltar-se por saber que esse costume deu-se início através de mentiras.

— Levante-se! — Ordenou a rainha para Nzola — vou dar-te outra oportunidade. Mate um tigre azul, torna-te homem e aí terás o meu perdão. Entretanto, a princesa casará com Lufuankenda, ele é fiel as nossas tradições. Podes ir agora!

Nzola deu uma boa olhada a todos que estavam ali presentes, viu que todos estavam a favor da rainha, percebeu que mesmo que busquemos coragem para nos impormos quando notamos que um grupo de pessoas, autoridades ou membros da nossa família têm feito alguma coisa errada, nem sempre conseguiremos fazê-los recuar de seu proceder. Nzola saiu sem dizer mais nada, partiu sem sequer olhar para trás. Passou-se muito tempo e Nzola nunca mais voltou ao reino Luenzi. Misteriosamente os tigres azuis também haviam desaparecido.

E o povo do reino Luenzi não mais voltou a ver nem Nzola, nem os tigres azuis.

**Por: Aldair Paulo**

# 13

## UM DESFALECIDO ESCRITOR

Anabela, bela, antes de ler o livro de Dinho Memória, olhou para o título e manifestou um «sorriso irónico». É sincera consigo mesma, detesta ironia. Sorriso liso e conciso, formulado pelos seus lábios, não servia apenas para o livro, dizia-se que é sempre o autor que recebe sorriso e não necessariamente o livro. Mas sorrir, enquanto se lê, é igualmente elogiar a obra e o escritor.

Esta, depois de duas horas de leitura, sem perder de vista o sorriso, hibernou o livro com um separador. Pousou-o sobre a cama para sentir outras leituras: esfolhava saborosamente as páginas do cigarro. Acendeu e ascendeu novamente para os lábios. Sentou-se na varanda, num único lugar onde o fumo, que esvoaçava como palavras atiradas ao ar e procurasse seu fim, pudesse andar rapidamente para fora. E o quarto continuasse a cheirar a livros.

O segundo andar era a sua pousada, quebrada. — Nada quebrava, senão dobrar, às vezes, as páginas; dizia que livro não se quebra, dá-se esquebra. — Não pronunciava «prédio bonito». Mas era bonito o prédio onde vivia. Sentia prazer pelos livros lidos e não abertos. «Livro aberto», esta expressão, trazia-lhe desprazer; dizia que se enquadrava mais em moças da sua mocidade e cidade que nunca tivessem paixão pelos livros, mas que somente praticavam a dança: «abre o livro».

O sonho é o espreguiçar-se do sono.

Acordou no meio da noite e uma voz lhe disse: “é sabido que todo vício é mau”, menos o de ler — a leitura é o único lazer que contraria a norma dos vícios — ler é o único vício bom. Naquela mesma meia-noite, acata, reata e começa a varrer todas as beatas. Evitou estar-se na varanda. A varanda, no segundo andar, do bonito prédio, que já lhe trazia tédio, fosse trazer-lhe mais dispêndio de fumar. Passou, de preferência, a arregalar os olhos, à madrugada toda, no livro de romance que havia hibernado:

“ – Serei primeira a ser pintada?

– Sim. Serás a minha primeira obra-prima.

– Vamos colocar no nosso quarto?

– Não, querida! Vamos vender!

– Vender meu corpo?

– Não, o teu retrato.

– Meu corpo.

– É retrato, querida.

– É meu corpo nu a ser exposto.

– Quase isso. Apenas será o retrato do teu corpo.

– E serás capaz de vender o meu corpo?

– Querida! Será a única saída da pobreza.

– Todo mundo vai me conhecer?

– Não vou pintar o teu rosto, só corpo mesmo. Sei que o reconhecimento é pelo rosto e não farei a pintura por lá.

– Mesmo assim, nem todos têm de conhecer o retrato do meu corpo?

– Pode ser que não comprem. Pode ser mais uma obra fracassada. E se poucos conhecerem e comprem, não levarão o teu físico, senão achar como o retrato mais belo do século.

– Falas com palavras de amor?

– Sim. Com toda pintura que farei.”

Anabela parou num instante para beber água, aproveitava fazer manutenção no pulmão, mas não tirou os olhos do livro, também da mão. Voltou logo a ler:

“... ”

– Um velho já não cresce.

– Que faz quando a idade lhe sobe ao corpo todo?

– Descrece. A velhice volta a ameninar-se. Não no corpo, mas no juízo e na atitude. Pese embora seu corpo seja uma fragilidade, pois regenera facilmente às rugas.

Passaram anos: o pintor declarou-se morto. Sua querida, velha. Mas o retrato não: continuava ela jovial e nua. E o quadro foi leiloado.

O pintor partiu sem receber elogios e sem ver a sua pintura visitar o mundo inteiro: o que deixou sua amada riquíssima de amor e esperança. É obvio que o pintor amava-a bastante; por isso, morreu feliz.

Sua amada, já velha, ainda vivia com a frase do pintor na alma: «Retrato existe para renascer um sonho morto e nele pousar uma vida lembrada». Frase escrita no seu livro que passou a ter prestígio.

«Uma pintura e um livro», de Dinho Memória.

Fim...”

Desta vez, Anabela não sorriu. Chorou-rio de emoção.

De seguida, ouve o miar dos gatos. Cinco gatos às espreitas. Surgiram para o consolo? O som onomatopáico vinha da varanda. Até que Anabela gostava de gatos, excepto às noites e madrugadas. Mesmo assim teve coragem de atendê-los. Não no espaço da varanda, mas dentro do seu quarto. Com certa saliência, gato não é

saliência, por isso, em silêncio, conversavam: «Temos uma notícia», diziam os gatos. – Não me lembro de receber, de vós, boas notícias, principalmente à noite. «Custa acreditar, mas tens de enaltecer o escritor». – Que quereis dizer? «Desenterrar». – Escritor não morre. «Morre, sim». – Não morre, porra! Anabela pôs a mão na boca, sabia que exagerou ao enervar-se.

Enchendo as pálpebras de lágrimas, revira o seu quarto. Quarto onde os mobiliários eram os livros. Em todo canto havia livros, até mesmos sob e sobre as almofadas. Porém, procurava o escritor do qual os gatos falavam.

– É inacredincível. Por que me encham de nervos?

Para fazer acreditar daquilo que os gatos não acreditavam, senão das suas fábulas e confabulações, preferiu proferir, em voz altíssima, a frase do José Eduardo Agualusa aquando da pronúncia da morte do escritor Luís Sepúlveda: – “Bem sei que os escritores não morrem enquanto tiverem leitores – o problema é que não teremos mais livros novos deles. E isso é difícil de aceitar”.

– Ouviram bem a minha voz nas palavras do Agualusa?

Os gatos, sem a fala mas em voz alta, responderam: «E quem disse o contrário? Desfalecer um escritor é voltar a lê-lo. Ler porque o mundo precisa de ouvir, de escrever e de aprender as vidas e culturas dos outros. É preciso falar dele ao público. E é o que queremos que

voltes a fazer, Anabela, para trazê-lo nas nossas memórias. Nós, os gatos, nunca aprendemos a ler. Por isso, pedimos que leias para nós. E também pedimos ao mundo inteiro. Não és uma leitora assídua e árdua connosco e convosco mesmo? Sabemos que teu quarto é uma arrecadação não de livros, mas de escritores: imortais. Mas antes, por favor, releia a estória do pintor — traga o pintor de volta — não pode morrer assim».

– O pintor?!

«Sim, o retratador mesmo. Ouvimos-te a ler. No princípio da estória, o pintor era escritor. Sem lucros, dedicou-se à pintura».

Uma gata emocionada forrava-se nas páginas de um livro: «Que emoção!», exclamava-se.

– Não é apenas o escritor que recebe elogios? No caso, Dinho Memória?

«Sim. Não. Não somente. Ou seja, o pintor foi também escritor: pena dentro da estória de Dinho Memória. Este já está salvo, já está entre nós».

Segundos depois, os gatos e as gatas, e os gatos de gatas, meteram-se em gargalhadas. E as pálpebras da leitora secavam em plena sentada. Foi quando, às noites e às madrugadas, a menina passou a gostar desses animais dentro da sua pousada.

«Força! Faça por nós!»

– Um provérbio: os gatos são sábios — disse-lhes e juntou-se às gargalhadas.

Colocou-os sentados para reler o livro e atribuir vida ao pintor. E a única forma foi inspirar-se: releu em forma de escrita. Escreveu novo livro com a ressurreição do pintor.

– Afinal, às noites ou às madrugadas, os gatos trazem luzes. Os escritores tornam-se vivos à medida que os lêem. E, em troca, oferecem-nos caminhos para novas escritas e novas vidas — concluiu Anabela — mais um escritor está desfalecido da morte.

Luanda, 06 de Fevereiro de 2021

**Por: Al Ndjali**

# 14

## UMA COISA MUDA

— Eu nem pensei em escrever uma carta. Não faria sentido. Todos conheciam a história da minha vida. Como venci por um instante antes de fracassar de vez, caindo na depressão profunda. Tinha uma espingarda no quarto. Usei ela pra caçar nos meus melhores dias. Meu pequeno Henry amava carne de caça! Enfim, lembro que minha esposa fora outra vez ficar uns dias no campo com a irmã após nossos frequentes momentos de histeria. Levava consigo as crianças e, era difícil terem de sair no meio do ano, abandonando as aulas para morar interior. Pessoas normais não agem assim! Mas nós, definitivamente, não éramos pessoas normais. Peguei no resto de gasolina que ficava na garagem e borrifei a sala toda, fui à cozinha e voltei deixando o gás a vaziar. Estava entediado com a monotonia dos últimos dias. Quis fazer algo digno de um espectáculo. Sentado na minha poltrona, num canto da sala, disparei contra o chão para acender o fogo e, com os dedos trémulos, enfiei a arma na boca. Fiz o que tinha que fazer. Daí eu não lembro nada..., a não ser a escuridão. Uma escuridão completa. Como se de repente: o nada outra vez. Mas posso te garantir uma coisa: morrer não dói. Nem mesmo com

um disparo a atravessar-te a garganta. Ninguém deveria ter medo!

— Mas... eu não sei se tenho medo, sr...?

— Kavela. Só Kavela, nada dessas coisas. Nunca fui senhor de nada.

— E como chegou aqui?

— Estava tudo escuro, como eu já disse. Tacteei no chão seco até uma passagem. Depois estava a andar sozinho em uma terra árida quando um homem me mostrou a multidão. Não abriu a boca. Só apontou. Era uma fila sem fim de viajantes mudos. Parecia que ninguém via ninguém. Todos andavam cegamente, solitários. Então eu pensei, pois, é isso que deve ser a morte — uma coisa muda.

— Eles estão mortos? Então e eu, não estaria também?

— Na aldeia onde nasci ensinavam que os mortos permanecem na terra para cuidarem dos seus entes queridos ainda vivos.

— Por isso você saiu da fila? Pra voltar para a tua família.

— É — Respondeu Kavela sem olhar pra ele. — Lhes proteger do mal, ajudá-los a prosperar, em vida não fui um bom pai, quem sabe agora, na morte, eu possa me redimir? — Virou-se pra ele. — Mas e você? Se lembra como morreu? — Ele sacudiu a cabeça.

— E porquê saiu da fila?

— Eu nunca estive em uma fila. Acho que foi na pista. Depois do acidente, me vi, preso no carro com

a cabeça virada para baixo, fragmentos em chama e a equipa de socorro chegar. Depois...é como disse, escuridão e... aqui estamos.

Kavela inclinou-se mais para o ver de perto. Sentado na pedra, o homem levanta o rosto. E Kavela se mete a rir.

— Meu Deus! Você é aquele piloto Thomas. Thomas Paolo. Foi um acidente feio no prémio do Japão, o carro ficou...— cobriu a boca — Meu Deus, é você mesmo!

— Isso tudo não importa mais. Lamento por minha uma namorada, Lola, a gente se amava muito. Falávamos em casar e ter filhos, mas a morte levou tudo isso.

— Ah, mas você não morreu, rapaz! Pelo menos até eu sair de lá — disse Kavela. — Você está em coma, há uns dezasseis meses. De vez em quando a imprensa nos lembra de ti. Mas tenho que dizer que não dou muita bola porque de onde eu venho, desporto só mesmo futebol e atletismo.

Thomas inclinou a cabeça de olhos fechados. Estar em coma era melhor que estar morto, porém mais de um ano em coma era tempo demais. Estava preocupado, mas era um sentimento inútil àquela distância. Ele olhou para baixo para a grande fila de gente que caminhava a beira do rio.

— Sabe onde vão os que atravessam? — Perguntou Kavela seguindo os seus olhos.

— Não, mas sei que ninguém mais volta depois de pisar no outro lado. Se não fossem estas montanhas a gente veria. Acha que tem mesmo um céu e um inferno

do outro lado ou vão todos para o mesmo lugar?

— É difícil dizer. Mas entendo a tua preocupação — Kavela virou-se para Thomas — estaríamos salvos se houver um inferno?

— Eu não. Nunca fui bom o bastante — disse Kavela com a voz grave — Às vezes, nem tentava.

Detiveram-se ali, com o olhar fito na multidão dos que iam (como robôs), atravessando a ponte. Por um longo instante ninguém disse nada. Os olhares profundos sobre as sombras, pareciam se ver nos outros. Um temia ir e perder a namorada para sempre enquanto o outro, que não tinha o que perder, temia o desconhecido.

— Morrer é ser esquecido — disse solenemente Thomas.

— Não, morrer é desaparecer.

— É isso que significa ser esquecido! Você desaparece da memória das pessoas, pra sempre.

— Você não entende — disse Kavela, num gesto bruto com o braço. — A vida inteira nós fugimos das coisas que nos fazem mal, inventando analgésicos para acalmar nossa dor, mas acontece que o que mais nos faz mal está dentro de nós e só passa se morrermos. — Kavela era um entusiasta de sua ideia, mas percebeu que Thomas não o compreendia.

— É uma corrida. — Explicou Kavela. — A morte é a meta para a liberdade total da dor.

— E depois da ponte? — Questionou Thomas. — O que acontece depois da ponte?

— Não sabemos. Falamos disso agora...

— Então a morte é uma incógnita. — Kavela não estava convencido daquilo e continuaram o debate por muito mais tempo até sentirem um leve tremor de terra. O som parecia uma voz. Parecia dizer algo. Na segunda vez foi mais forte. A terra se desfez debaixo deles e Kavela viu-se agarrado por Thomas para não cair. Um vento intenso o importunava.

— Segure com força! Com força, não me largue, por favor. — Gritava Kavela. Mas o braço fraco de Thomas não suportou e Kavela foi jogado para o meio da multidão que marchava pra ponte. Tentava, chamando por Thomas, andar na contramão, mas era empurrado pela maioria e pouco a pouco, se via cada vez mais perto da ponte.

Thomas também foi parar na fila, esticou o braço e, num salto, Kavela agarrou-o firme. Os dois eram arrastados pela multidão no meio da ponte, mas de maneira nenhuma se soltavam. Estavam juntos, olho no olho, um pelo outro, contra o que viesse.

Mas Thomas começou a sentir-se perturbado. Suava, ouvia gritos e num instante nada via. Só a escuridão. Aquela escuridão. Lembrou-se da explicação de Kavela sobre como morrera e teve um leve receio.

— Estamos a perdê-lo — disse uma voz.

— Então façam alguma coisa! — Disse outra pessoa. Ele conhecia aquela voz. Era sua mãe. Prestou atenção e percebeu, lá no fundo, a voz de Lola mergulhada em prantos.

— Querida, já fizemos o possível — disse o seu pai. — Thomas não ia querer que lembrássemos dele

desse jeito.

— Por favor, não o deixem morrer! — Gritou Lola!

— É tarde demais — disse o Doutor e aquelas palavras se repetiam na sua mente. Quando ele sentiu outra vez sua mão agarrada a de Kavela. — É tarde demais. Tarde demais... — Abriu os olhos e viu que estavam perto de cruzar a ponte. Kavela ainda olhava para ele, mas com mais paixão, esboçou um sorriso e deixou escapar uma lágrima. Ele mesmo soltou a mão de Thomas e foi se afastando com um sorriso nos lábios.

Thomas olhava para ele quando sentiu a multidão o empurrar pelas costas. Lutava como podia. Enfim, estava ele um passo antes de cruzar a linha quando abriu os olhos no hospital com as máquinas desligadas e todos a sua volta, a chorar. Sua mãe disse que era um milagre, mas depois o médico achou outra explicação.

Quase dois anos depois, quando já tinha voltado às pistas, Thomas conheceu um lugar chamado Mavinga, no interior do Kuando Kubango, onde, nos anexos da tia, vivia a família de Kavela. Tudo graças ao post de uma foto em família, que sua filha mais velha fez em memória do pai. Apresentou-se como um amigo de Kavela e, em nome dele, deu a eles os mimos de um homem com o amor desajeitado, capaz de sair da fila por seus filhos.

**Por: Edvan Vapor**

# 15

## VALA DE DRENAGEM, EDU!

Sumbe, Zona três, rua dos aliados.

Nas tardes em que tínhamos o prazer de ir à escola, Edu, Tininha e eu subíamos pequenas montanhas. Passávamos por grandes ravinas, chamávamos-lhes de “Buracos de lixeira”. Havia lá muitos lixos e pedras, pedras grandes.

Avó Lúcia, a única figura materna que conheço, dissera para nós que, aí onde havia montanhas de lixo, seriam construídas valas de drenagem. Mas, como o governo aqui é mau, estão a demorar tanto com as construções que aquele lugar se transformou em lixeira.

Na sexta-feira, Edu, sendo o mais velho entre nós — na altura ele tinha treze anos, e nós dez — disse-nos que teria ortografia às doze horas. Por isso, não poderia ir connosco, pois nós andávamos lentamente e, além do mais, sempre brincámos no caminho. Então, ele foi na frente.

— Depois me esperem no pau da preguiça para nós voltarmos juntos, ya? — Ele gritou, indo a correr com a sua bata que faltava botões, levando consigo o seu banquinho de madeira.

Ainda com o prato de funge na mão, gritei de igual modo para ele:

— Tá bom! Mas não nos deixa!

Edu sempre foi muito protector connosco. Ele frequentava a Sexta classe e nós, a Quarta. Sempre nos defendeu quando algum rapaz nos tocasse.

Peguei na minha pasta e despedi a avó Lúcia com dois beijos da bochecha. Com o seu pau de apoio, tentou levantar, mas sem sucesso. Ela limitou-se em dar-me chau. Fui à casa da Tininha que não ficava tão distante da minha. Ela já estava pronta e esperava fora com a lata dela que servia de assento.

— Camita, gostas mesmo de se castigar eh! Assim, hoje vais sentar mais na pedra? — Tininha olhava-me procurando o meu banco.

— Toda hora levar lata, estou cansada. Hoje, vou sentar nas pedras mesmo, o importante é estudar.

E lá fomos nós... corríamos para passar as montanhas e descansar à sombra da árvore. Quando chegamos ao buraco de lixeira, sentamos nos pequenos passeios que já estavam erguidos.

— Meninas, levantem daí! Vocês não sabem que este lixo traz doenças? Assim o cheiro está vos cuiar?

Era a senhora Zilda. Ela estava cansada de nos avisar, mas precisávamos descansar para poder passar o buraco de lixo, pois não havia ponte para passarmos. Tínhamos que correr e tentar subir para chegar ao outro

lado. Quando não conseguíssemos, tínhamos que descalçar e usar as chinelas como escudo das mãos.

— Já vamos ir, tia Zilda!

Quando chegamos à escola, a professora já estava na turma. Antes de entrarmos, ela perguntou a razão de termos atrasado e nós, como sempre, dissemos:

— Estávamos a tentar subir a montanha de lixo e depois ficamos presas ali.

— Está bem, entrem. Esse governo só escuta com mortes. Já escavaram, mas continuar a construção está custar para eles. — A professora sempre dizia isso após a nossa explicação.

Tivemos as aulas normalmente e chegou a melhor parte das aulas: o intervalo. Fomos para o pátio da escola, onde algumas senhoras vendiam bolinhos, gelados e bolachas. Como não tínhamos dinheiro, sentamos no passeio da directoria até que o Edu chegasse.

— Já saíste, Edu?

— É rápido! Hoje só tive ortografia. Ché, professora bateu bem o Miguelito. Tá vê a Madó que se faz de trazer a Maria das dores? Também lhe deram com ele.

— E você, Edu? Perguntou Tininha.

— Sou pai grande! Me deram só uma reguada.

— Hum, hum! Fala a verdade — gargalhei.

— Verdade!

O professor Lucas bateu no ferro que usávamos como sino e tivemos que entrar para sala. Edu ficou no passeio, esperando por nós.

Tão logo saímos, fomos até ele. Eu levei todas as pastas e a Tininha levou os assentos.

O céu estava escuro, as nuvens cinzentas e o sol coberto por elas. Aproximava-se a chuva. Decidimos sentar no pau da preguiça, como de costume e jogávamos pedras para baixo. Edu subia na árvore e jogava as folhas para nós e dizia:

— Noivas, olha as noivas Camita e Tininha.

— Ôh! Edu, pára de nos sujar.

— Aiê? — Jogou ainda mais folhas.

Ficámos aí a conversar durante algum tempinho. Então, começou o chuveiro com baixa intensidade. Não nos importamos, continuamos a nossa conversa até um grande trovão aparecer. O céu acendia com as faíscas.

Pegamos as nossas coisas e metemo-nos a correr. Estávamos ainda muito distante de casa. Enquanto corríamos, cantávamos:

“Hoje vai chover, amanhã vai chuveirar, eh! eh!”

Parámos em frente às montanhas para recuperar o fôlego e colocar as pastas por baixo das batas. Acreditávamos que, assim, os nossos materiais não estragariam.

Chegou a hora de atravessar o buraco de lixeira. A água passava com grandes correntezas, batia nas grandes pedras e carregava o lixo para o fim. Eu tinha muito medo de passar aí, mas Edu disse que devíamos passar mesmo assim. Tia Zilda não estava fora do quintal dela e a rua defronte ao buraco estava vazia.

Edu pegou em uma vara maior que ele e media a água que passava. Ele virou- para nós e disse:

— Vou primeiro, depois vou vos puxar com a vara.

— Vou cair — Tininha disse, recuando.

— Edu, vamos cair, isto está fundo!

— Não vão! Eu vou vos puxar. Alguma vez já vos menti? Vocês são minhas nengue, não vai acontecer nada. Eu já passei aqui antes de vocês estudarem.

Olhou para nós e sorriu. As suas diastemas deixavam-lhe engraçado. Então, ele foi... segurando na vara, começou a andar, até ao meio onde se manteve estático.

— Vou morrer! Me ajudem!

— Edu, Edu! — Começámos a gritar por ele.

— Hum — Sorriu — Afinal mesmo têm medo, não se preocupem! Nunca vou deixar-vos sozinhas. — Olhou novamente para nós.

Abracei a Tininha e dissemos em uníssonos:

— Tudo bem, Edu.

Parecia que a cada passo, ele se afundava. A vara baixava, até que o seu corpo era arrastado pela correnteza para o fundo. Enquanto gritava por ele, eu vi a sua cabeça bater duas vezes em grandes pedras, mas ele não sangrava. A vara partiu ao meio depois de bater em pedras.

Gritamos, gritamos, mas ninguém nos ajudava. Edu não respondia.

\*\*\*\*

Foi na sexta-feira, quinze de Março de 2010, quando eu pisei pela primeira vez em um cemitério. Lembro-me de ver a tia Rita, mãe de Edu, segurando a sua fotografia. Avó Lúcia segurava meus olhos para impedir-me de ver o corpo dele a ser depositado no buraco. O caixão estava fechado, era castanho e havia pessoas jogando flores.

— Avó, ele vai sair daí? Ainda irá nos levar para a escola?

— Não, minha netinha. Lembras quando eu disse que a tua mãe havia ido para um lugar melhor? O teu amigo também irá para este lugar. A partir de hoje, ele faz parte daquele mundo, já não o podemos ver no nosso mundo.

— Ele disse que nunca iria nos abandonar, avó. Ele só está a dormir. Lhe acordem, ele não me ensinou ainda a tarefa, avó — Comecei a soluçar, lágrimas escorriam o meu rosto.

Tia Rita chegou até mim e abraçou-me. Ela também chorava sem parar. Nunca tinha visto alguém com aquele tamanho chorar tanto. No ombro da tia Rita, vi um senhor alto com o fardamento dos serviços penitenciários. Era o pai do Edu. Ele havia dito que ele é polícia. Lembrei das férias em que ele passava na casa do pai e da outra mãe dele. Edu tinha duas mães porque o pai dele tinha duas mulheres.

Tininha havia ficado em casa, pois o pai dela não permitiu que fosse até ao cemitério. Ela perguntou-me como foi e eu não consegui explicar, só conseguia chorar.

— Ele vai voltar — Tininha disse entre soluços — Meu pai disse que ele virá nos visitar em sonhos e até mesmo em pensamentos.

— Ele não vai voltar, a minha mãe também não voltou.

— Hum, ele é criança, não tem pecado. Ele vai voltar, Camita. Meu pai falou que criança é anjo.

— Vamos então lhe esperar na casa dele.

Fomos lá e ainda estava cheio. Tia Rita estava coberta de panos pretos. O pai de Edu nos abraçou e eu senti lágrimas escorrendo. Ele estava com óculos escuros.

— Tio, o Edu vai voltar, né? — Perguntou Tininha.

— Vocês acreditam que ele vai voltar? — Pai de

Edu tirou os óculos, seus olhos estavam inflamados e avermelhados.

— Acreditamos! Ele disse que nunca iria nos abandonar.

— Então, ele vai voltar. Algum dia ele voltará. Se vocês acreditam, então ele voltará — Falou, abraçando-nos novamente.

Os dias foram passando, meses e meses. Passou um, dois, três anos e Edu não voltou, aliás ele voltou, mas só em meus sonhos que pareciam reais. Mas, quando acordava, tudo voltava ao normal sem Edu. O bairro estava estranho. Tia Rita mudou-se para o bairro dos Estaleiros, pois o pai de Tininha era pastor da igreja Assembleia de Deus e eles tiveram que se mudar por razões que, até hoje, não compreendo. Fiquei sozinha. Os meus únicos amigos foram embora.

As valas de drenagem estavam acabadas. Tinha pontes de ferro pintados de cor cinzenta. Havia uma placa defronte à ponte dizendo: “Vala de drenagem Edu”. Passar aí era um tormento para mim. Preferia dar voltas.

É nestas horas que me lembrava sobre o que a minha professora dissera: “O governo só escuta com mortes!” Foi preciso alguém perder a vida, para eles notarem que as construções inacabadas são um perigo para população.

**Por: Hetelvina Ngola**

# 16

## O BOM DIBANGELA

Joaquim Mateus da Silva, mais conhecido por Bom Cidadão, seguia pela zona do Avô Kumbi, quando um dormente segurança de armazém trouxe à sua mente a prosa da sua esposa, que o deixara intumescido de raiva, antes de meter o seu pesado corpo no leito, na noite anterior. Ele pedira-lhe dinheiro para o táxi dessa manhã, e aquela alegara que, com o que tinha, compraria material escolar para a prole, sugerindo-lhe que passasse a candongar no trabalho, como fazia o esposo de uma colega do mercado, que era guarda de armazém.

O tal guarda tinha uma lata de um quilo que lhe rendia cerca de 2.500kz diariamente, alugava-a aos clientes do armazém que repartiam aos quilos os sacos de arroz, de açúcar, ou de feijão, que compravam. Por cada saco, recebia 100kz.

Quando a esposa finara o paleio, Bom Cidadão abespinhou-se de verdade. Gritou-lhe que era uma tre-

menda falta de respeito o comparar a um guarda de armazém. Prometeu-lhe que um dia, se repetisse tal charla, não se responsabilizaria pelo que faria.

Viandante, o enxame de transeuntes fê-lo descobrir que muitos andavam tesos como ele. Nessa manhã, Bom Cidadão adiantara-se ao impiedoso sol de Janeiro, que o faria chegar ao trabalho suado, pois seu corpo avolumado também ajudaria.

Quando seus pés alcançaram a porta do local de trabalho, no céu pardo, a aurora e o alvor rendiam-se. Era ligeiro o suor que lhe ocupava a testa. Eliminou-o com o seu azul lenço-de-bolso. Chegou muito antes da hora de expediente. Sentado, pôs-se a tentar decifrar um horroroso sonho que tivera, do qual, por ventura, o tirara o Angola Avante, que era a melodia do seu telemóvel.

Manhã alta. Bom Cidadão, o destro Escriturário Dactilógrafo daquela repartição pública, computadorizava com a agilidade que gabava ter herdado das máquinas de escrever, quando o seu salvador do sonho barulhou num dos bolsos das suas calças.

Dessa vez, a segunda missão do seu salvador fora infrutuosa: aquele telefonema, nascido na Sanzala de Inácio, em Ikolo e Bengu, trouxera a triste notícia da morte de seu irmão mais velho. Houve comiseração geral.

Coragem! Força! Estamos contigo, irmão! Eram os colegas. Porém, azoado com aquele golpe, Bom Cidadão não ouvia. Saindo, ainda se lembrou de desviar os pés do Largo das Heroínas, o local do sonho. Levou-os

à zona do Largo da Independência, onde se sentou para ordenar as ideias.

No céu, o sol de Janeiro já abrasava. Seus raios chicoteavam-no, incapacitando-o de cumprir a missão que metera as suas gordas nádegas naquele assento. A cabeça estava à roda. Teso era a única coisa que reconhecia. Um tesudo. Sem uma moeda nas algibeiras.

Bom Cidadão dardejou o seu lutuoso olhar ao estatuado Guia Imortal. Conhecendo-o indômito, pregou-lho. Os olhos arregalados. O suor banhava-lhe o rosto gordo. Esquecera-se do lenço-de-bolso azul. O que farei? Sempre a olhar o Guia Imortal, balbuciou.

Kolokota!!! Kolokota!!! Bom Cidadão teve a sensação que ouviu o Guia Imortal gritar. Como se não bastasse, viu-o a baixar e levantar por duas vezes o seu braço direito. Levantou-se com brusquidão. Encorajado, meteu-se em movimento.

Suado, chegou ao Bairro Kassequel, na casa de seu amigo Manuel Vunge, o seu malanjinho que a guerra fratricida lhe dera, como dizia. Conheceram-se em 1987, na célebre batalha do Kwito Kwanavale. Eram militares das FAPLA. No quintal, que era uma oficina mecânica, encontrou os quatro ajudantes do mestre MV entretidos numa grande cachinada. Jogavam à dama.

Em situação normal, Bom Cidadão perguntar-lhes-ia: o Mestre Kibiyona está aí?! Assim o chamava por ter o dedo médio da mão direita hirto. Era defeituoso devido a um acidente que sofrera na guerra. Um dos ajudantes matou a gargalhada e disse-lhe: o mestre está

no carro a ouvir o noticiário.

O Kota Mulwanda?! Manuel Vunge também se fizera pávido. Não acreditava no que ouvia. Eles tratavam o falecido por este nome devido a uma estória relacionada com a origem do nome de Luanda que ele lhes tinha contado. Segundo o mesmo, Luanda originava do termo “mulwandaya’loji”, que significa “lugar onde os bruxos preparam o feitiço”. Com esta conversa, dizia-lhes que em Luanda a vida sempre será difícil por ser terra que pertencera a feiticeiros.

Meteram-se no vermelho Toyota Starlet do Manuel Vunge. Bom Cidadão queixou-se do abuso que tivera a sua esposa, na noite anterior, com a comparação ao guarda de armazém. Manuel Vunge, esquecendo-se do óbito, sorriu a bom sorrir. O amigo olhou-o com espanto.

Subitamente, Manuel Vunge meteu raiva na cara. Disse que o casaca do amigo era o grande culpado, por não o promover há 25 anos. Bom Cidadão era Escriturário Dactilógrafo, desde que entrara para a Função Pública, em 1995.

— Isso é abuso! Esta gente goza demais!... – Vozeou.

Anos atrás, Manuel Vunge improperara o chefe do amigo, porque lhe dissera que devia frequentar a universidade para mudar de categoria. Chateado, Manuel Vunge disse ao amigo: se você tem medo dele, pode usar o meu nome, lhe pergunta se no Golf o Governo já construiu uma escola do Ensino Médio? Ele

nem sabe que o Golf tem história... Lhe fala que foi no Golf, quando, antes da independência, os taxistas e os comerciantes portugueses estavam a entrar nos musseques para matar os angolanos, que homens corajosos hastearam a bandeira do partido naquele imbondeiro do Avô Kumbi! E já estamos independentes há 40 anos, mas no Golf não há escola do Ensino Médio! Ele sabe o que significa turra? Sabe o que passámos nas FAPLA? Até hoje nem conseguimos estar na Caixa Social. Eu ando cansado desta gente!

Aproveitando a pausa do amigo, Bom Cidadão lançou-se a contar o sonho: eu estava no Largo das Heroínas. Ao meu lado sentaram-se dois idosos. Saudaram-me. Um deles mostrou ao outro as páginas necrológicas do jornal. Estavam cheias de fotografias de idosos. O velho do jornal disse que eles estavam a morrer demais e, em sentido contrário, os sem-coração nasciam aos montes. O outro respondeu-lhe que não devia preocupar-se por estarem próximos daquelas páginas fúnebres. O do jornal desgostou. Levantou-se e meteu-se a andar. O outro seguiu-o.

Surgiram dois jovens trajados de fatos. Sentaram-se sem me saudar. Tinham cabelos e barbas longos. Um deles disse: só desenvolveremos, quando adorarmos o nosso Nzambi de verdade, cuja força está nas árvores, nas montanhas, nos rios, etc. É com a força dele que os nossos ancestrais curavam doenças. Enquanto adorarmos nas igrejas um deus alheio, nunca evoluiremos. Nosso poder está no Nzambi... o barulho da buzina de um carro interrompeu-o. Os dois saíram a correr sorri-

dentes. Subiram no carro, cujo motorista também era um jovem barbudo e cabeludo.

A estrada ficou deserta. À distância, vi uma caravana vestida de branco. Vinha do lado do aeroporto, nas duas faixas. No grupo do sentido 1º de Maio – Aeroporto, estavam três jovens à frente. Um deles tinha um megafone. Os outros seguravam um cartaz escrito: A MANIFESTAÇÃO DOS MORTOS.

Arrepiei-me. O do megafone gritava: ABAIXO OS GANANCIOSOS! 13 ANOS DE FOME É MUITO. A BOCA DE UM MORTO NÃO MORRE. TAMBÉM TEMOS FOME!

Olhei bem: os homens eram mesmo mortos. Os olhos fechados. As mãos presas no tronco. Surgiu barulho de sirenes. Confusão. Apareceram três polícias musculosos, que traziam as sirenes barulhentas coladas às testas. Os três jovens fugiam atrapalhados. Os polícias não os largavam. Giravam entre os mortos, fazendo muitos caírem. Os jovens evolaram-se. Furiosos, os polícias lançaram-se a espancar os mortos com os paus grossos que traziam.

Os polícias mocavam. Pontapeavam. Pisavam. Num instante, o asfalto avermelhou-se. Os mortos sangravam. Entrei em choque. O sol enforteceu-se. Parecia que ia rebentar. Decidi fugir. Ao dar um passo, senti o pé preso.

O chão do jardim estava enlameado. Lancei o olhar à estátua: as heroínas choravam. Suas lágrimas enlameavam o jardim. Aflito, ajoelhei e gritei: Nãããããão!!

Os polícias olharam-me. Um deles começou a dirigir-se a mim.

Ao alcançar-me, o nosso Hino Nacional começou a tocar. Ele pôs-se em sentido. Seu rosto mudou como prova de fidelidade à pátria. Os outros dois também estavam em sentido. O hino parou. Ele deu um passo. O hino voltou a tocar. Ele parou novamente. Eu despertei. Afinal o hino era o despertador do meu telefone. Salvou-me.

Novo silêncio. Manuel Vunge emocionou-se. Choro. É profundo! Profundo este sonho... - balbuciou entre soluços. Bom Cidadão também começou a chorar. Choraram por alguns minutos. Manuel Vunge, com a mão do dedo da kibiyona, limpou o rosto. Começou a falar:

Ó Bom, assim que chegaste na oficina, na rádio falavam de uma mega operação protagonizada por um consórcio internacional constituído por 120 jornalistas investigativos de 30 países que descobriram 750 mil documentos da filha do Mister Produzir. A operação denominada por Luanda Leaks espelha as falcatruas que a tornaram numa das mulheres mais ricas do mundo.

Sabes, este teu sonho significa que o que estamos a viver é resultado das lamentações dos nossos mortos. Este país para ser independente levou muitas vidas. E, então, por que meia dúzia é que fica com toda a riqueza? Estes miúdos nasceram ontem, não sabem do nosso passado e brincam com o nosso dinheiro? E olha só, segundo o Luanda Leaks, já estávamos em crise quando

ela transferiu milhões de dólares para o estrangeiro...

E o irmão dela fez igual. Inventou aquelas histórias de investimento estratégico quando o pai já estava de saída do Palácio. E o próprio pai... anuncia-nos, no final de 2014, que devíamos ter coragem para enfrentar a crise que vinha, mas, dois anos depois, com o povo a morrer como moscas com o surto de Febre-amarela, mandou-nos lixar: trouxe equipas de futebol estrangeiras e festejou, com toda a pompa, o seu aniversário natalício.

Um dia a mulher pediu-me dinheiro para colocar o nosso primeiro filho nas FAA. Fiquei vermelho, irmão. Lhe ofendi. Eu? Pagar para um filho entrar no exército? Eu que fui arrancado da saia da minha mãe lá no nosso Kakuzu para ir defender a pátria? Nunca!

Ela não respondeu. Continuei. Ofendi estes malditos dirigentes que permitiam uma sujeira daquelas. A brincarem com a segurança do país, por causa da ganância. E estragaram o povo que se habituou a estas práticas sujas. Roguei-lhes muitas pragas. Um dia vão pagar!! – Jurei. É por isso que digo: Deus ouviu os nossos mortos. O Mister Correção foi enviado por Ele.

Os dois amigos tinham a mania de renomear todos. Chamavam o ex-presidente de Mister Produzir devido ao slogan eleitoral da campanha do seu último mandato. “Produzir mais e distribuir melhor”. Já ao actual presidente, tratavam por Mister Correção, porque o slogan da sua campanha foi “Melhorar o que está bem e corrigir o que está mal”. Como alegavam que o mal

superava de longe o bem, ficaram com Correção.

Chegados à sanzala de Inácio, Bom Cidadão, que parecia ter tudo controlado fruto do encorajamento que recebera do Guia Imortal, entrou em transe. Começou a chorar como um infante. Babas e ranho. Soluços. O pessoal acompanhou-o. Gritos.

Dois dias depois, no Cemitério de Katete, pois já vigorava a proibição de enterros atrás das casas, Bom Cidadão desmaiou. Atirem água. Água! E deu trabalho às pessoas, por ser muito pesado. As roupas sujaram completamente.

Nascia o sol na manhã seguinte, quando as rodas do Starlet do Manuel Vunge abandonaram a Sanzala de Inácio. Consigo iam a sua esposa e o filho mais velho, chegados ao óbito na noite do dia em que o Kota Mulwanda falecera.

Bom Cidadão, ainda pranteado, só abandonou a Sanzala de Inácio cinco dias depois, deixando a esposa. Trajava roupas do falecido irmão. Despedindo-se, alegou razões de trabalho. No dia em que fora trabalhar, passou pelo largo mais famoso do país: era preciso agradecer ao Guia Imortal.

Obrigado, Guia Imortal. Kolokotei mesmo. Disse em surdina. Dessa vez, o Encorajador nada lhe disse. Nem movera o braço direito. Bom Cidadão saiu contente. Porém, desconhecia que, em Inácio, era antigo o paleio que ditava que um homem só chora nos óbitos quando é dibangela e que três mulheres coscuvilheiras, depois de ele sair, tudo fizeram para chegar

ao caderno de contribuições do óbito, confirmando que seu nome não constava dele. Não contribuirá.

Bom Cidadão... Bom Cidadão... Cidadão yamatuji!! Este Man Joaquim é masé um bom dibangela, que, sem vergonha na cara, lundulou as roupas do irmão antes do tempo, disse uma delas. E riram à farta. Seguidamente, apelidaram-no: ele agora é o Bom Dibangela.

### **Por: Dias Neto**

---

*Kolokota – coragem, firmeza*

*Yamatuji – feito de porcaria*

*Lundulou – herdou*

*Dibangela (dibanguela) – desgraçado*

## 17

### O DESTINO TEM OS SEUS PLANOS

— Vamos fazer um jogo... você vai para o teu quarto, esconda-se em um sitio onde nem mesmo o Sherlock Holmes poderia encontrar você, só vai sair quando ouvir-me chamar o teu nome, caso não consiga encontrar você até o amanhecer, use a porta do quintal e vai correndo até a casa do tio Dândi sem virar a cabeça.

— Porquê, é apenas uma brincadeira, não? — mexia os dedos inquieta e antes de continuar com perguntas ouvi-o seu pai responder...

— Porque é lá onde a brincadeira continua...

O ar foi abafado com o som de sirenes, vozes gritando em um tom de ordem — Saíam todos, a casa está cercada, você perdeu! — Girou a maçaneta — Alexa, lembra-te, aprende a confiar em ti, só assim saberás em quem confiar — abriu a porta e, depois de alguns minutos Alexa ouviu os disparos do lado de fora, e tudo pareceu estar branco...

— Minhas cotas, ali na ponta começam já a pre-

parar as querelas p'facilitar no troco — o som preencheu cada canto do táxi — xê bad da ainda um cotovelo na minha cota bonita que tipo não dorme à noite. Alexa dormia durante a viagem de táxi — outra vez esse pesadelo — falou num tom não audível, ao despertar das lembranças que atormentavam a sua mente desde os finais de sua infância — como fui dormir logo no táxi!?

Alexa seguia caminho até o café, era um dia de ar fresco e o céu parecia estar coberto de algodão molhado, o sol despertava, a movimentação era tanta que levava ela a consultar o papel onde anotou a localização do café. Pegou o seu telefone, deu uma olhada na imagem de caça, empurrou a porta do café, com pernas onduladas e aquele andar todo jeitoso, seguiu até o balcão. o vestido amarelo acima do joelho comia cada curva do seu corpo. Aproximou-se de um homem coberto com uma jaqueta da Polícia, calças Jeans Blue, lançou um sorriso elegante. O jovem ofereceu-se para pagar a bebida dela.

— Eu sou Lenon — disse ele.

— Alexa — respondeu.

— Alexa! Permita-me dizer-te que tens um nome muito bonito.

— Obrigada! — respondeu — esse ambiente parece familiar ao teu rosto?

— Já passa da hora de ser homenageado com uma placa de cliente fiel.

— Pareceu exagerado... — levemente levantou

o copo. Por mais que o líquido quisesse ser entornado naquele, momento os lábios estavam aí para travar.

— Assim!?

— Vindo de um homem bonito de postura confiante...

— Tem mais alguma coisa por trás das palavras? — boca e olhos falavam a mesma língua, virou o corpo ao balcão e disse — Obrigado por transmitir em palavras a tua opinião sobre mim.

— Disponha.

— Teu rosto tem um ar diferente. É normal que pareças meio perdida.

O sino da porta de entrada tocou enquanto a porta era movida.

— O pessoal daqui é tão acolhedor que ninguém liga de onde vens — disse Lenon.

Alexa havia acabado de chegar na cidade, movida pela vontade de acertar as contas com o seu passado. Ainda na fase inicial da sua adolescência viu seu pai “famoso líder de um cartel” ser morto à sua frente por um grupo de missões especiais, na qual Lenon fazia parte, confirmado no relatório que ela teve acesso. Alexa prometeu vingar-se da morte de seu pai.

Depois de três encontros, começaram a namorar, passados três meses e quinze dias partilhavam o mesmo apartamento nas colinas da cidade. Desenhou nessa oport-

tunidade o plano ideal para completar a sua vingança. Naquela noite, o silêncio da madrugada cobria a casa, Alexa acordou, desceu as escadas e foi até a cozinha, abriu a gaveta com a sua colecção de utensílios, escolheu uma faca de sete centímetros, modelo italiano. Com as pontas dos pés andou da cozinha até a sala e, antes de colocar o pé no primeiro degrau, sentiu um frio desconfortável atravessar sua barriga, largou o objecto, originando um barulho ao tocar no chão, voltou para cozinha e encheu um copo com água. Abor-tou a missão foi ao W.C. No interior, passou água no rosto e subiu ao quarto a fim de dormir.

Antes que o amanhecer roubasse o lugar da madrugada, Lenon estava pronto para mais um dia de trabalho, girava a cozinha de um lado para o outro, procurando despertar o estomago. O despertador do seu telefone começou a tocar, ouviu a Alexa gritar: — Por que razão continuas a marcar o despertador, se tens a mania de acordar antes dele tocar?

— Desliga por mim — gritou em resposta.

Depois do mata-bicho, ela preparou-se e saiu à procura de uma farmácia ao redor da casa, comprou uns tantos testes de gravidez. Após várias tentativas fracassadas, tentando provar o contrário, viu-se obrigada a aceitar que os testes deram positivos. Fixou os seus olhos no espelho e uma janela em sua mente levou-lhe ao passado. A viagem da sua mente trazia luzes de quão difícil foi crescer sem os seus pais. Sua mãe morreu vítima de um tumor maligno no cérebro quando tinha apenas 5

anos e, depois da morte do pai, o mundo pareceu desabar para ela.

— Merda! O que eu fui fazer!

“Eu não posso dar à luz a está criança... e se eu der à luz? Ela é só uma criança? Mas, o meu plano... levei maior parte da minha vida planejando matar o assassino do meu pai e olha de quem engravidei!? O que eu faço agora?”, Alexa conversava com seu interior.

FIM...

Albano Huambo

## ÁRVORE DOS MORTOS

Ela acordou com um puxão forte no pé esquerdo.

Primeiro achou que fosse algum tipo de espasmo pós sono ou algo do género, mas voltou a senti-lo, dessa vez sem à atenuação do sono. Percebeu que não vinha de dentro de seu corpo e tentou levantar-se para ver o que era.

Estava escuro e frio, a superfície em que estava deitada era dura e irregular. Ela soltou um guincho e gatinhou tentando fugir do que a encarava. Apesar de se estar escuro, os olhos — o olho, remendou. — brilhava num tom azulado que arrepiava seus pelos.

— Oh! você acordou. — disse a coisa no escuro, num tom de lamento. Sua voz estranhamente fanhosa.

Yara tentou entender aquilo. Em sua mente nada era mais importante do que perceber como aquela coisa se comunicava com ela, nem mesmo sua aparência era mais importante que isso, e isso, isso dizia muito.

A medida que os olhos dela se habituavam a negrura mais as coisas se tornavam confusas. Seu coração começou a ribombear ferozmente no peito e todos seus pêlos do corpo se eriçaram.

A coisa andava sobre quatro patas, tinha chifres ossudos e um dos orifícios oculares vazio. A pupila azul cobria toda a extensão do outro olho. Seus pelos hirsutos pareciam estar quase a desprender-se do corpo.

— Achei que pudesse tirar alguma coisa antes que acordasse. — continuou. Abaixou a cabeça e cheirou o chão com o focinho inchado de tal modo que causava náuseas a Yara.

Ela concluiu que estava sonhando. Um sonho bizarro, mas ainda assim um sonho, fruto de sua imaginação, nada disso era real.

Mas como ela sabia que era um sonho? Como sentia a dor causada pelas pequenas pedras no chão em que apoiava suas palmas?

Por conseguinte, ao tratar-se de um sonho, ela não seria indiferente a dor e ao cansaço? ao peso que seu próprio corpo possuía e a todas as outras coisas que confundiam sua mente? Um sonho não deveria ser claro como a água?

— Quem... — começou, a voz mais baixa que os mais altos dos sussurros — O que você é?

A coisa inclinou levemente a cabeça. Na lateral de seu pescoço viam-se as vertebras — sem qualquer outro órgão — apenas as vertebras.

— O que você acha que eu sou? — indagou.

— Eu não sei. — disse. — Um alce? Uma Nyala, talvez?

Yara inquiriu, para si mesma, se haveria diferença entre Nyala e alce. Lembrou das várias vezes que viu conteúdos relacionados a isso, mas os ignorou e nunca pensou que algum dia haveria realmente de precisar desse tipo de facto.

— Eu sou o que você acha que eu sou. — a criatura disse. A Nyala, Yara decidiu.

A seguir um guincho parecido com o de coelhos bebês sobrepôs-se ao silêncio.

— Um rato! — O animal berrou, e pôs-se a trotar para longe de Yara. Seus passos ecoaram pelo lugar. Um pedaço de carne solto de uma das pernas ossudas balançava enquanto o animal se afastava.

Yara se ergueu. Sacudiu as roupas e olhou ao redor. Uma fina luz lunar iluminava o lugar, mas escuridão no horizonte era tão espessa que parecia palpável. Não haviam construções ou qualquer outra coisa, só ela e aquele animal. Isso a assustou.

Tentou lembrar-se de como havia chegado a este sitio, mas não conseguiu, não havia nada referente a isso em sua mente, ela não se lembrava de nada.

— Está alguém aí? — gritou. Não houve respostas. Até o som de cascos a trotar invadirem novamente o local. Ela virou o corpo e estava olhando novamente

para a Nyala.

— Você, me fez perder a comida, — queixou-se — seu grito acabou afugentando o rato. Que dia! Primeiro quase consigo um bom naco de carne e ela acorda, segundo acho uma preciosidade de um rato e acaba por escapar bem entre meus cascos.

A dúvida foi crescendo dentro de si. Aquilo não parecia ser um sonho. E se não se tratava de um sonho, como aquela coisa meio morta conseguia falar e andar.

— Você cone carne? — disse.

— Se você ver alguma coisa que pareça com planta e não tente me estrangular quando eu me aproximar por favor me avise.

Certo. Um animal que fazia comentários sarcásticos, seria engraçado se pudesse entender o que estava a acontecer.

— Onde estou? Que lugar é esse? — Yara disse.

A Nyala assobiou, ou talvez fosse um suspiro, Yara não sabia dizer o que era.

— Você faz demasiadas perguntas.

— Por favor, me diga.

Ela beliscou a própria pele do antebraço, sentiu o ardor e a dor brotou imediatamente.

Não pode ser um sonho, pensou, não é um sonho.

— Por favor — voltou a insistir.

— Uns o chamam de o além, outros de terra dos mortos. Têm até um grupo que chama isso aqui de inferno.

Quem eram os outros? Ela questionou-se, isso tudo parecia deserto. Então ela processou por completo o que havia acabado de ouvir.

— Terra dos mortos?

A Nyala anuiu, o que era uma coisa estranha de se ver: Ela moveu o focinho para cima e depois para baixo, um movimento tão fluído que fez Yara questionar se aquilo era realmente um animal.

— Mas eu não estou morta. — ela disse.

— Você não está? — indagou a Nyala. Deu alguns passos em direcção a Yara cheirou o ar, deixou um odor fétido de carne podre e andou em volta dela, analisando. Mordeu uma das tranças de Yara.

— Ai! — bramiu — O que você está a fazer.

O animal se afastou, voltou a cheirar o ar, dessa vez tirou uma coisa para fora — deveria ser em tempos uma língua. – E lambeu o focinho. De repente, Yara decidiu que o exterior do animal parecia algo bonito comparado com a sua língua; era púrpura e inchada quase como um balão. Ela conteve a ânsia de vômito.

— Você decididamente não está, mas também não está viva.

— Como assim? Isso não faz sentido.

— Olhe a sua volta, não há lógica aqui, caso não tenha notado.

— Deve haver alguma explicação. — Yara pensou em voz alta. — Talvez eu esteja apenas sonhando.

— Vocês e seus cérebros limitados — lamuriou a Nyala. — Tentam sempre achar a razão, o objectivo da vida, o porquê de estarem aqui. Bom, talvez não haja razão. Talvez todos vocês sejam apenas como um monte de ervas daninhas; brotam, crescem, infestam e destroem tudo, sufocam os outros e depois morrem. Sem realmente possuir um sentido. Entende?

— Não. E talvez eu não queira entender. Como eu saio desse lugar?

— Existe uma saída — a Nyala disse e uma sensação de alívio brotou no peito de Yara — mas já é tarde demais. Quando a luz no céu se apagar, você estará perdida aqui connosco para sempre. Sua carne apodrecerá e talvez eu nem vá mais querer comê-la, sua fome será infinita e você não poderá fazer nada.

Yara olhou para o céu e concluiu que a Nyala estava se referindo ao desaparecimento da lua, mas quando encarou com mais atenção aquele céu nocturno percebeu que não se tratava realmente de um céu, nem de uma lua que iluminava o lugar. Não haviam estrelas ali ou qualquer outro astro conhecido. A luz provinha de um fino anel vermelho vivo que irradiava pequenos filetes de luz, um deles seguia em linha recta e descia como

se tivesse alcançado uma parede. Parecia que aquele era o limite. O anel de luz tornava-se cada vez mais fino.

De repente ela teve consciência do quão real isso tudo era. Do quão grave seria se aquele coisinha se extinguisse. Era como se uma venda tivesse sido arrancada e ela conseguia enxergar perfeitamente.

— Precisa me ajudar — disse —, como eu saí daqui?

O animal a encarou e Yara achou que não fosse responder, depois voltou a produzir o som que ela decidiu tratar-se de um suspiro.

— Siga a luz, corra e continue correndo, quando avistar a árvore, atravesse-a não olhe para trás e nem preste muita atenção nas vozes, por mais pueris e implorantes que se mostrem, quando atravessar agarresse ao sentimento mais forte de todos: o de viver. Faça qualquer coisa antes que a luz se apague.

Mal o animal terminou Yara correu em direção ao anel de luz.

Ela correu até não sentir mais as pernas. Correu até os pés pulsarem e arderem como brasa. Sua respiração ruidosa e seu coração retumbante no peito.

As vozes chamavam por alguém, outras apenas choravam. Ela ouviu alguém chamar seu nome, uma voz tão familiar que quase a fez parar e tentar lembrar de quem se tratava. Mas o aviso da Nyala ecoou por sua mente e expulsou aquele sentimento. Outra voz chamava pela mãe, era prematura demais e isso fez Yara se

sentir ainda pior.

Avistou a árvore e em três grandes passos poderia atravessá-la. Então alguma coisa se prendeu sobre seu tornozelo, apertando-se a cada segundo que passava e, em um golpe brutal e veloz, a jogou para longe.

Ela ergue-se, ignorou a dor e continuou a correr. Dessa vez a coisa enrolou-se sobre seu braço esquerdo e o comprimou. Ela urrou de dor e olhou para o que a sufocava. Raízes. Enrolando-se sobre seu braço como cobras feitas de madeira. Outra raiz enrolou-se ao redor da panturrilha e as duas começaram a puxar-lhe para baixo. Prostrada no chão, ela arranhava e puxava e batia e gritava contorcendo-se e tentando se soltar, mas era inútil.

Suas forças começavam a se esvaír. Ela ergueu o olhar e viu que o círculo de luz era, agora, apenas um filete vermelho manchando o céu, ou o que quer que aquilo fosse. Engoliu uma lufada de ar e começou a morder as raízes. Primeiro ela se conteve, ou era apenas como humanos mordiam, arrancou uma fina camada. Ela cuspiu e percebeu que se quisesse continuar viva, precisaria fazer melhor. A segunda dentada foi mais forte e mais poderosa. Todo o chão sobre ela tremeu. Como se estivesse protestando. Ela continuou a morder.

Um líquido morno jorrou das raízes, Yara não parou para pensar no que era, mas o pouco que engolia tinha um gosto podre, azedo e metálico, como metal enferrujado. O gosto era insuportável, mas ela continuou. Quando soltou o braço começou a trabalhar na

perna, seus dentes doíam e parecia que estavam se afundando sob as gengivas.

Levantou-se e esquivou de mais um par de raízes e correu para a árvore. Era velha e parecia morta, sem nenhuma folha sequer. Havia um buraco pequeno no centro dela de onde uma luz fraca brotava. Yara esgueirou-se por ele e todo o ar deixou o seu corpo.

Sentiu novamente as raízes se prenderem sobre sua perna, mas continuou a rastejar. O buraco se tornou frio como ela nunca havia sentido. Algo em seu corpo se torceu e quebrou, mas a dor começava a parecer que estava longe demais. Percebeu que estava a perder os sentidos. Continuou a rastejar, sua visão rodou e teve a sensação de que estava a cair. Viu a luz brotar e queimar seus olhos. Ela tocou a luz e tudo voltou a escurecer.

Yara acordou ainda no chão irregular. Ouviu murmúrios e abriu os olhos receosa. Viu sapatos e o mais importante; luz. Luz do sol. Virou o seu corpo de modo a poder ver a grande bola amarela e sua imutabilidade sobre o céu azul e coberto de nuvens. Sorriu aliviada. Depois notou, ao sentir o chão frio directamente na pele, que estava nua. A dor estava regressou e os murmúrios das pessoas se tornavam mais altos agora.

Uma sombra com braços enormes e contorcidos projectou-se aos seus pés. Yara se afastou, depois sentiu o corpo relaxar ao perceber que era apenas uma árvore, normal. Ela sabia disso porque apesar do aspecto velho e dos galhos secos, aquela coisa não se movia.

Começou a lembrar-se de como havia ido pa-

rar ali, antes de acordar naquele lugar, mas afastou esses pensamentos. De momento apenas uma coisa importava. Havia conseguido. Estava viva. Antes de perder os sentidos decidiu que pesquisaria muito sobre Nyalas e cervos.

AC Lukamba

Parabéns!

Acabou de ler uma obra editada pela #ésobrenós Editora, gostou? Publique connosco,

#ésobrenós, seu livro, nosso legado!

Contactos: +244 924 477 532 / +244919146296

E-mail: [geral@esobreler.ao](mailto:geral@esobreler.ao)



